

AVISO AOS NAVEGANTES:

Esta versão do memorial perdeu os acessos diretos aos documentos comprobatórios e a muitos textos indicados por links, em virtude do encerramento do repositório virtual <https://chasqueweb.ufrgs.br/>, o que varreu das nuvens todo o material ali alojado.

O texto pode ser lido, assim como um grande número dos materiais indicados por links que não foram quebrados.

Seis décadas na UFRGS rumo à doutoralidade:

Um memorial

Danilo Blank

Porto Alegre

2017

Seis décadas na UFRGS rumo à doutoralidade:

Um memorial

Danilo Blank

Texto apresentado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte do processo avaliativo de 2017/2 para promoção à classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

Porto Alegre

2017

B642s Blank, Danilo

Seis décadas na UFRGS rumo à doutoralidade: Um memorial
/ Danilo Blank. – 2017.

87 p. : il. color.

Memorial apresentado no processo avaliativo para promoção
à Classe "E" - Professor Titular da Faculdade de Medicina da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS,
2017.

1. Professor titular 2. Educação médica 3. Doutoralidade 4.
Memorial 5. Faculdade de Medicina 6. Pediatria I. Título.

Catalogação Biblioteca FAMED/HCPA

Nota preliminar:

Proponho com este memorial uma experiência inovadora de leitura e interação com os conteúdos e produções acadêmicas dos quais ele trata.

Por quê? Para tentarmos aprimorar a efetividade de pelo menos dois dos procedimentos essenciais do processo avaliativo para promoção a professor titular:

- a) o acesso aos materiais apresentados, por meio do uso mais articulado, flexível – e por que não lúdico? – da tecnologia de comunicação;
- b) a guarda (e o acesso futuro) desses materiais, preservando seus atributos estéticos, documentais e museológicos.

Ao remexer com escritos e certificados mofados – mas não necessariamente obsoletos e destituídos de interesse – me dei conta de que não é lógico deixá-los perdidos num calhamizo impresso (que a Famed depois nem saberá onde colocar) ou, na melhor das hipóteses, num pen-drive (que, além de também exigir acesso físico, será fatalmente extraviado).

Porém, não é porque lida com coisas preponderantemente do século passado que o memorial documentado tem que seguir procedimentos com viés típico desse mesmo tempo. Nesse sentido, a Decisão 232/2014, do Conselho Universitário é conservadora ao exigir a entrega do memorial em formato físico (Art. 5º, § 2º) e omissa quanto à forma de apresentação das atividades acadêmicas, já que se refere somente à documentação comprobatória para o que chama de avaliação de desempenho acadêmico (Art. 13º, inciso II), que só abrange o período decorrido desde a última progressão funcional do candidato (Art. 17º, § único). Na verdade, do ponto de vista institucional de resgate histórico, bom seria se fosse franqueado o acesso público a todo memorial, incluído seu acervo documental completo.

Por outro lado, a própria UFRGS dispõe de meios modernos e pujantes para coligir todo tipo de material acadêmico e colocá-lo à disposição para amplo e fácil acesso, por intermédio de seja lá qual for o dispositivo – computador, tablet ou telefone celular. Refiro-me especificamente ao OpenScholar (<https://theopenscholar.org>), o sistema de gerenciamento de conteúdo desenvolvido especialmente para professores criarem seus sites acadêmicos, e o Lume (www.lume.ufrgs.br), o excelente repositório digital da UFRGS.

Assim, baseado nessa lógica e nesses recursos, concebi um memorial para ser lido em meio digital, com numerosos links para sites, textos completos de publicações acadêmicas e materiais audiovisuais, cujo acesso direto fica obviamente prejudicado a partir da versão impressa em papel. A grande vantagem desse meio, além da

acessibilidade ampla a partir de qualquer dispositivo móvel – bem ao feitio das gerações Y e Z, nossos alunos de hoje –, é que, sobretudo, todo documento comprobatório pode ser visto mediante um único clique, na hora, a partir do ponto do memorial em que aparece citado.

A estratégia utilizada foi a seguinte: primeiro organizei o meu site acadêmico no ambiente “Página Acadêmica (OpenScholar)”, disponível aos docentes da UFRGS (<http://professor.ufrgs.br>), nele estocando as versões integrais de toda a minha produção bibliográfica (exceto alguns livros em versões completas), – cada artigo, capítulo de livro ou texto publicado na internet – com o seu respectivo link de acesso imediato. Daí, ficou fácil colocar os links nas devidas citações feitas no memorial, que, além disso, fornece links para materiais audiovisuais e para inúmeros sites e textos não produzidos por mim, mas objetos de referência.

Foi um processo muito divertido e espero que também o seja para a comissão avaliadora, assim como qualquer leitor interessado. Boa leitura!

O texto completo do memorial está disponível no meu site institucional:
<http://professor.ufrgs.br/danilo-blank/>.

Atenção para uma dica importante de navegação:

O memorial se encontra na aba “[Portfólio](#)” do site, sob o título “Seis décadas na UFRGS rumo à doutoralidade: Um memorial”, apresentado em duas versões.

Há uma versão completa, só recomendável para equipamentos com boa velocidade da conexão, pois o carregamento do arquivo pode demorar de um até três minutos.

Para leitura em tablets e smartphones, sobretudo com conexões WiFi, prefira a versão leve, que contém somente o texto do memorial descriptivo, sem os certificados.

Observação importante para a navegação no memorial: para acessar qualquer documento indicado por um link, clicar com o botão direito do mouse e optar por "abrir link em uma nova aba", a fim de evitar um novo carregamento de todo o texto ao retornar!

“Se eu tivesse que escolher apenas três características que definem um acadêmico, mas não necessariamente aquele que produz, eu diria erudição, integridade e persistência. Alguém poderia acrescentar criatividade à lista [...], mas o que estou sugerindo é que a avaliação da doutoralidade se relaciona, na primeira instância, não a uma lista de realizações, mas a uma qualidade de caráter – aos hábitos de racionalidade (coragem, persistência, consideração, humildade e honestidade). Reconheço que sejam os atributos mais difíceis de medir, mas estou convencido de que são os mais essenciais.”

Ernest LeRoy Boyer

From Scholarship Reconsidered to Scholarship Assessed.

[Quest. 1996;48\(2\):129-39. DOI: 10.1080/00336297.1996.10484184.](https://doi.org/10.1080/00336297.1996.10484184)

Identificação

- Nome: Danilo Blank
- Site institucional: <http://professor.ufrgs.br/danilo-blank/>

A UFRGS recomenda que todo docente organize seu site acadêmico por meio da ferramenta [OpenScholar](#), criada e difundida pela Universidade de Harvard. A figura abaixo mostra a página inicial do meu site, que contém todas as informações acadêmicas, incluindo o portfólio docente, link para a Plataforma Lattes e os textos completos de toda a produção acadêmica. Um dos meus projetos pessoais atuais é a promoção da implantação dessa ferramenta na Faculdade de Medicina.

The screenshot shows the homepage of the professor.ufrgs.br website. At the top, there is a red header bar with the university logo 'UFRGS' on the right. On the left side of the header is a portrait photo of Danilo Blank. To the right of the photo, his name 'Danilo Blank' is displayed, along with his title 'Departamento de Pediatria', 'Faculdade de Medicina', and 'UFRGS'. Below this, his email address 'blank@ufrgs.br' is listed. The header also includes a navigation menu with links to 'APRESENTAÇÃO', 'PORTFÓLIO', 'ENSINO', 'PRODUÇÃO ACADÉMICA', and 'PALESTRAS'. The main content area features a bio in Portuguese, mentioning his education at UFRGS and his current academic roles. Below the bio is a photograph of Danilo Blank giving a presentation at a podium. The podium has the word 'PEDIATRIA' on it. To the right of the photo is a large slide with the text 'PREVENÇÃO DE ACIDENTES NAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES' in blue and 'O QUE HÁ DE ATUAL? E QUAIS SÃO OS PAPÉIS DO PEDIATRA?' in red. The bottom of the slide features logos for 'SOBREJ', 'ache', 'BRUNNEN', and 'BIBLIOTECA'. At the very bottom of the page, there is a 'Powered by OpenScholar' logo.

• **Demais informações pessoais e acadêmicas:**

- Nascimento: Porto Alegre, RS - 26 de novembro de 1951 [Doc 1](#)¹
- Filiação: Valdemar Blank, cirurgião-dentista

Helena Cutin Blank, professora

- E-mail: blank@ufrgs.br
- Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0578735969115866>
- Formação acadêmica:

Graduação: [Faculdade de Medicina da UFRGS](#) [Doc 2](#)

Especialização: Residência médica em Pediatria no [Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFRGS](#) [Doc 3](#)

Pós-graduação: Doutorado em [Saúde da Criança e do Adolescente](#) pela UFRGS, na linha de pesquisa Educação e Saúde [Doc 4](#).

- Atividade profissional atual:

Professor associado IV do [Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul](#) [Doc 5](#)

Coordenador do [Curso de Pós-Graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul](#) [Doc 6](#)

Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da UFRGS [Doc 7](#)

Preceptor da [Residência Médica em Pediatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre](#) [Doc 8](#)

Secretário do [Departamento Científico de Segurança da Sociedade Brasileira de Pediatria](#) [Doc 9](#)

Editor associado do [Jornal de Pediatria](#) (SBP) [Doc 10](#), da revista [Injury Prevention](#) (BMJ Journals) [Doc 11](#) e da revista [Saberes Plurais: Educação na Saúde](#) (UFRGS)

[Doc 12](#)

¹ Observação: Todos os documentos comprobatórios estão dispostos por ordem de citação no final do texto do memorial. Para facilitar a identificação, o número de ordem de cada documento aparece numa pequena caixa de texto preta com letras amarelas (cinzas na versão impressa), colocada junto à sua citação no texto. Além disso, na versão em meio digital, cada uma dessas caixas de texto tem um link ativo, de modo que, ao ser clicada, abre-se o texto completo do documento em questão.

Sumário

Sumário	9
Pressupostos justificatórios	11
Anos 50: Proto-história acadêmica	29
Anos 60: UFRGS.....	33
Anos 70: Formação médica e Departamento de Pediatria.....	37
Anos 80: Pediatria, ensino e injuriologia.....	47
Anos 90: SBP e jornalologia.....	55
Novo milênio - 1 ^a década: Doutoramento	67
Década atual: UFRGS integral	77
Enfim...	87

Pressupostos justificatórios

O quê? + Como?

Este é um memorial estritamente acadêmico, já que o formatei especialmente para submetê-lo à comissão de avaliação designada pela Faculdade de Medicina para o processo avaliativo para promoção a professor titular. Seu intuito específico é dar sustentação à tese de que faço jus à dita promoção. Seu foco, seguindo o que propõe o edital do processo avaliativo, é a minha trajetória na [UFRGS](#) – instituição na qual atuo ininterruptamente e com imersão total há cinquenta e quatro anos² –, contemplando todas as facetas da carreira docente: ensino, extensão, pesquisa, gestão e produção intelectual. Assim, toda menção a fatos e circunstâncias pessoais se restringe à sua pertinência às questões acadêmicas.

Por outro lado, ainda que acadêmico, um memorial com escopo de promoção a professor titular trata de recapitular uma vida; logo, traz necessariamente matizes particulares, que quase clamam por um estilo meio literário. De modo que optei por uma escrita pessoal e mais fluida, tentando abrandar a aridez dos inescapáveis róis de publicações, atividades acadêmicas, palestras e que tais.

Em tempo: mais uma vez recomendo fortemente que o leitor siga a recomendação da página 2 e evite a versão impressa em papel, que não permite o acesso direto e imediato aos inúmeros links para sites, textos completos de publicações acadêmicas e materiais audiovisuais, que são citados no texto. Os professores integrantes da comissão especial de avaliação receberão um *pen drive* com o memorial gravado, mas qualquer um pode acessá-lo facilmente no meu site institucional, em <http://professor.ufrgs.br/danilo-blank/>.

Quanto à estrutura, o memorial se divide em duas grandes seções, com objetivos distintos: nesta primeira – de pressupostos justificatórios – permito-me, além destas definições de forma e estilo, uma discussão mais ampla de como eu encaro a carreira docente, um pouco de minha filosofia educacional, objetivos acadêmicos e, sobretudo, o que é um professor titular e por que acho que mereço esta promoção.

Na segunda grande seção, o memorial descriptivo propriamente dito, que vai desde

² Sou professor do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFRGS desde agosto de 1978, isto é, completei 39 anos de carreira docente efetiva. Contudo, a solidez dessa carreira se sustentou em alicerces bem construídos, ao longo dos quinze anos anteriores, no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Medicina, ambos também da UFRGS. Levando-se em conta que tanto os então cursos ginásial e científico, como o curso médico e a residência eram de turno integral, trata-se de nada menos do que 54 anos de dedicação ininterrupta e intensiva à mesma instituição: a UFRGS.

os anos pré-UFRGS de formatação do meu viés acadêmico, passando pela relação das aquisições e produções ao longo da minha trajetória na UFRGS, até o presente. Como se trata um tempo muito longo, organizei sua descrição em sete capítulos, cada um correspondendo a uma década e com um título associado à característica preponderante do período em questão. Assim, o capítulo dos anos 50, que conta a proto-história acadêmica – cheia de significâncias, pois é a fase basilar em que os alicerces de todo o resto se construíram – leva exatamente esse nome. O dos anos 60 se chama apropriada e simplesmente “UFRGS”, pois foi quando entrei nessa universidade e nela me integrei de tal forma que nunca mais saí. E assim por diante, até a década presente, cujo capítulo se chama “UFRGS integral”, aludindo à circunstância de eu ter encerrado a atividade na clínica privada – depois de 36 anos de prática pediátrica abrangente –, optando pela dedicação exclusiva à vida universitária, com muitos projetos no campo da doutoralidade do ensino e aprendizagem³.

É interessante ressaltar aqui que – levando em conta que a maioria das discussões sobre o que é ser um professor titular gravitam em torno de noções de impacto, contribuição, liderança, produtividade, competência administrativa e sempre incluem longevidade e engajamento institucional – o nome da UFRGS está simbolicamente presente em cada um dos títulos dos capítulos deste memorial, pois “formação médica”, “Departamento de Pediatria”, “pediatria/ensino” e “doutoramento” têm tudo a ver com ela. Nesse tempo todo, provavelmente só no início dos anos 90 eu tenha me engajado um pouco mais na Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) – o que justifica sua entrada no título do capítulo em questão –, a ponto de ter recebido uma amarga queixa do então chefe do Departamento de Pediatria, Humberto Rosa, que (injustamente⁴) me criticou por “dar o meu sangue à SBP, em detrimento do Departamento”.

Em todo caso, é evidente que uma narrativa detalhada de um percurso de quase

³ “Scholarship of teaching and learning” já é hoje um verdadeiro termo sintagmático nominal, dada a sua presença marcante no discurso da pedagogia médica, a ponto de já haver pelo menos dois periódicos acadêmicos com esse título: [“International Journal for the Scholarship of Teaching & Learning”](#) e [“The Journal of the Scholarship of Teaching & Learning”](#). Maiores subsídios para compreender por que é hoje um dos focos da minha atenção como professor de medicina se encontram nos trabalhos de [Shulmann \(2011\)](#) e [Kern \(2015\)](#), além – é natural – do já citado [Boyer \(1996\)](#). Já por que eu insisto na tradução “doutoralidade do ensino e da aprendizagem”, explico logo em seguida.

⁴ Injustiça, porque nesse período eu trabalhava muito no Departamento, como professor regente da disciplina [Promoção e Proteção da Saúde da Criança e do Adolescente](#), função na qual permaneci por vinte anos; mas sobretudo porque na SBP construímos o [Jornal de Pediatria](#), que viria a ser uma das mais importantes revistas médicas da América Latina (Fator de Impacto JCR de 2016: 2,081).

setenta anos de intensa atividade não caberia no sentido deste memorial, com o fim que se propõe. Logo, o que aparecem são os destaques de cada uma dessas décadas, por meio dos quais vou costurando e contextualizando a discriminação das aquisições e produções acadêmicas.

Doutoralidade?

Por que cismei de colocar doutoralidade (o conceito e, particularmente, o termo) como meta da minha trajetória acadêmica, a ponto de pespegá-lo no título do memorial? Antes de mais nada, porque se trata de um tema muito caro para mim – um dos meus focos de estudo atual –, que está no cerne dos processos de educação médica e, além disso, enseja olhares terminológicos, uma de minhas paixões desde sempre⁵.

Mas por que doutoralidade? Googleie o termo com aspas ("doutoralidade") e você obterá apenas meia dúzia de resultados, o que já denota que se trata de uma palavra de uso bem incomum na língua portuguesa. Essas poucas ocorrências – só uma das quais é um artigo científico⁶ – tratam de representar o que é acadêmico em sua essência ou um conjunto de características, qualidades, atividade ou aquisições de um acadêmico. Na verdade, esse é o conceito representado na língua inglesa pelo termo *scholarship* (pelo menos no léxico acadêmico, já que o mesmo vocábulo também é amplamente usado para significar bolsa de estudos).

Em outubro de 2009, organizei o grupo-web “Mérito Acadêmico Científico”, com o intuito de divulgar as conclusões de uma das primeiras iniciativas concertadas de discussão do tema *scholarship* entre docentes brasileiros da área da saúde: o “[1º Fórum de Mérito Acadêmico-Científico: estratégias para valorizar a carreira docente no ensino](#)”, realizado durante o 47º Congresso Brasileiro de Educação Médica - COBEM 2009, em Curitiba, sob a coordenação da professora Eliana Amaral, da UNICAMP. Na ocasião, sustentei a tese de que doutoralidade seria um termo mais

⁵ Meu forte interesse pela língua (e, no âmbito da educação médica, especialmente pela terminologia) segue paralelo à narrativa deste memorial. Como evidência de como isso impacta minha atuação docente, basta ver minhas interlocuções com linguistas (desde os ilustres [Luft](#) e [Moreno](#), até os especializados [Bacelar](#) e [Finatto](#)), particularmente a minha [tese de doutorado](#) e até [escritos em inglês](#).

⁶ “[...] o processo criativo envolvido nos doutorados *practice-based* podem ser vistos como uma forma de pesquisa por si só e, como tal, equivalente à pesquisa científica. Portanto, o produto e processo criativo associado a ele como parte da submissão do doutorado pode ser visto como uma demonstração das qualidades definidoras da doutoralidade ‘da mesma maneira’ que ocorre em uma submissão de pesquisa tradicional.” Büchler D, Biggs M. Pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual. PÓS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP. 2009;16(26):168-83. http://bit.ly/buchler_pos.

diretamente associado à noção de *scholarship* como caráter de academicismo avançado, em vista de sua derivação lógica de doutor/doutoral, mas os colegas que lideravam o grupo acharam que terminologias com viés pedagógico (e, enfim, doutoral) poderiam espantar muitos docentes médicos, nosso público-alvo. Assim, os fóruns que se sucederam mantiveram a denominação mérito acadêmico científico. Eu, entretanto, convencido que se trata de um termo mais conciso e com precisão de significado, tenho me mantido fiel a doutoralidade em minhas [palestras](#).

Com efeito, a doutoralidade do ensino e aprendizagem tem realce na seção de filosofia educacional de meu [portfólio docente](#), da qual é oportuno destacar alguns trechos, para fortalecer e concluir este pressuposto justificatório:

[...] Meu papel primário como professor do Departamento de Pediatria é educar alunos de graduação, em sintonia com a missão institucional de formação de excelência de médicos com atitude de liderança, ética e humanismo, com competência para apreciar a criança e o adolescente no seu contexto, promover sua saúde e prestar-lhe atendimento na doença, além de manter a autoeducação permanente e contribuir na produção de conhecimento. O trabalho educacional com pós-graduandos – senso estrito e amplo – e a contribuição à ampliação do conhecimento são reforços dessa tarefa primordial.

[...] Essa assertiva inicial denota o sentido preponderante que atribuo ao ensino, dentre as quatro funções interligadas do paradigma de doutoralidade proposto por [Ernest Boyer](#): descoberta, aplicação, integração e ensino. De fato, na primeira metade da minha trajetória de 39 anos como docente do Departamento de Pediatria dediquei-me à tarefa de professor clínico. Uma prática de ensino que, ainda que com bons parâmetros de excelência – e com tintas de integração socioacadêmica, evidenciada por razoável produção de textos publicados –, nesse tempo não se enquadrava no que hoje se tem chamado de [doutoralidade do ensino e aprendizagem](#), que pressupõe a publicação sistemática e concertada de material ensaístico com base empírica e científica sobre o ensino e seus resultados.

[...] Por outro lado, ainda por uma questão de filosofia educacional, tenho resistido às pressões acadêmicas para a preponderância da publicação de textos em detrimento de outras produções técnicas; assim, procuro manter atividades de ensino de graduação com o devido destaque. A fim de não perder a perspectiva da busca constante do melhor padrão de excelência na referida doutoralidade do ensino e aprendizagem, procuro nortear-me (a) pelos critérios de qualidade propostos por Ernest Boyer e expandidos por [Charles Glassick](#) – objetivos claros, preparação e métodos adequados, resultados significativos, apresentação efetiva e crítica reflexiva – e (b) pela exigência de que o trabalho didático seja discutido por pares, tornado público e seja passível de ser utilizado como plataforma para desenvolvimento educacional de outros.

[...] Por fim, possivelmente em virtude da minha atividade no [Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde](#) – cujo objetivo é dar subsídios conceituais e pedagógicos aos profissionais do Sistema Único de Saúde, com um referencial de análise crítica e de métodos efetivos de ensino e pesquisa, capacitando-os a desenvolver atividades educativas no aprimoramento das práticas solidárias de atenção e de gestão em saúde –, venho fortalecendo na minha filosofia educacional a noção de engajamento social, em sintonia com o que destacou o próprio Ernest Boyer, na sua última conferência, publicada postumamente, ao referir-se à [doutoralidade do engajamento](#).

Sou ou não sou professor titular?

[Validade → (face) + conteúdo + critério = CONSTRUCTO]

Já faz algum tempo que as pessoas me interpelam: “Ué, mas tu não és professor titular?” E eu fico dando explicações sobre por que preferi ser um professor clínico por tanto tempo, por que resolvi fazer o doutorado depois de velho, etc., etc. Na verdade – sem falsa modéstia –, imagino que eles não estejam se referindo só à minha longevidade e engajamento institucional (velhice + cu-de-ferrismo), mas que se trata de uma percepção em sintonia com o pensamento de [Ernest Boyer](#) estampado na [epígrafe](#) que selecionei para abrir este memorial, de que um acadêmico não se define essencial e necessariamente pelo que produz, mas por erudição, integridade, persistência e criatividade.

De fato, sob o prisma das classes de validade, segundo a teoria psicométrica do método científico, trata-se da chamada validade de face; isto é, as pessoas costumam me associar aos tais atributos descritos por Boyer, o que as leva a achar que tenho jeito de professor titular ou, no mínimo, competências doutorais. Tal perspectiva do imaginário acadêmico não é gratuita, pois é corroborada por vários trabalhos que nos últimos anos têm se debruçado sobre os critérios para promoção a professor titular e sugerem uma definição mais ampla da doutoralidade⁷.

Nesse sentido, é pertinente relatar dois fatos que para mim foram bem significativos. Primeiro, dez anos antes de eu defender a minha tese de doutorado, fui convidado pelo professor César Victora, do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas, para compor a [banca de mestrado](#) de sua orientanda Sílvia S. da Fonseca, que estudara a incidência e fatores de risco para acidentes em crianças daquela cidade. Embora fosse assunto do meu campo de estudo, chamei sua atenção para o fato de que eu não só não tinha título de doutorado, como não havia tido nenhuma formação pós-graduada *stricto sensu*, ao que ele redarguiu: “Ora, para nós o que importa é que tu és o Doutor Danilo, com notório saber na área da segurança infantil!” Como se vê, o grupo de Pelotas – e particularmente o César, não por acaso recentemente agraciado com o título de

⁷ Aqui cabe a citação de um dos grupos que desenvolvem trabalhos mais interessantes sobre esse tema, o WISER (Women in Science, Engineering, and Research), da Universidade de Oakland:

“Key to broadening the understanding of the qualities of a full professor in the context of promotion is a two-fold consideration: that faculty bring diverse skills and talents that contribute to an institution’s mission and that even if scholarship continues to be valued more than excellence in teaching and/or service, it has a broader definition than traditionally provided.” Kathleen Moore, Joi Cunningham, Laila Guessous, Jo Reger, Brad Roth, Julie Walters, Leanne DeVreugd. Multiple paths to full professor: challenges to the academy in the 21st Century. Oakland Journal. 2016; 26:10-26.

http://bit.ly/full_professor_21st

doutor *honoris causa* pela UFRGS – já tinha então uma visão bem mais inclusiva e flexível de doutoralidade do que, por exemplo, a minha própria universidade, na qual eu só viria a ser convidado para bancas de trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação depois de concluir o meu doutorado, em 2009.

O segundo fato marcante é mais recente: a professora Deborah Girasek, autora do trabalho⁸ que inspirara a minha tese de doutorado, indicou-me para escrever a carta de avaliação de sua qualificação para a promoção a *full professor* na Uniformed Services University of the Health Sciences, em Bethesda, Maryland, EUA. Apesar de as universidades estadunidenses só aceitarem outros *full professors* para esse tipo indicação, fui convidado com base no contexto da minha formação acadêmica Doc 13, o que evidencia que o comitê responsável pelo processo de promoção também me equiparou ao status de professor titular⁹.

Os dois fatos ilustram um olhar mais abrangente no reconhecimento da doutoralidade, ao contemplarem a noção da validade de constructo, que a teoria educacional moderna vê como englobadora das demais¹⁰. Isto é, um professor titular é alguém que evidentemente escreveu bastante, publicando seus achados e conclusões de pesquisa e discutindo sua fundamentação teórica entre pares e além (validade de conteúdo); também se espera que tenha causado impacto educacional e social com suas ações (validade de critério); mas tudo isso é incorporado a um constructo maior definidor do que ele efetivamente é: erudito, íntegro, persistente e

⁸ O artigo de Deborah Girasek, “[How members of the public interpret the word accident](#)”, publicado na revista Injury Prevention, em 1999, foi um marco na discussão terminológica avançada no chamado campo da injúria; tanto que viria a ser um dos seis trabalhos selecionados para serem reimpressos nas edições comemorativas dos vinte anos da revista, cada um acompanhado de um comentário especial escrito por uma dupla de membros do conselho editorial. Em vista do meu trabalho na área da terminologia, tive a honra de ser convidado para escrever junto com o colega Huiyun Xiang o comentário sobre o artigo de Girasek, que denominamos “[Will the final battle not be between good and evil, but rather injuriologists and accidentologists?](#)”.

⁹ A propósito, tomo a liberdade de disponibilizar [meu depoimento](#) à USUHS, já que foi muito bem considerado na bem-sucedida promoção da professora Deborah Girasek e, assim, sua leitura pode ser de interesse.

¹⁰ A unificação dos chamados “tipos de validade” em uma só classe – a de “validade de constructo” – é acentuada por Messick (1993). Nessa vertente, validação de constructo compreende a análise teórica e a pesquisa de todo tipo de evidência empírica. [...] os estudos do conteúdo e da relação com o critério têm importância como suporte e como parte da validação de constructo. Nicia M. Bessa. Validade: o conceito, a pesquisa, os problemas de provas geradas pelo computador. Estudos em Avaliação Educacional. 2007; 18(37):115-156. http://bit.ly/bessa_construct

criativo. Todos as demais características comumente citadas¹¹ são componentes, ainda que necessários, desse conjunto de atributos bem-apanhados por Boyer e corroborado por outros autores. Com efeito, as pessoas podem nem saber direito o que é validade de constructo, mas não é por acaso que acham que o tal indivíduo é um professor titular.

Recomendações fortes baseadas em evidências de alta qualidade

As cartas de recomendação que se seguem são de cinco eméritos professores titulares, que selecionei a dedo, pela expressão acadêmica de cada um, porque todos entendem bastante de doutoralidade e sobretudo porque cada um teve seu quinhão de participação marcante na minha trajetória acadêmica.

Enviei mensagens de e-mail independentes aos cinco, solicitando apoio e dizendo mais ou menos a mesma coisa: que, considerando que o mundo acadêmico brasileiro (assim como no resto do mundo) tende a dar valor muito maior à produção ligada à pesquisa do que a qualquer outra faceta docente e que a minha produção – em virtude do meu viés de professor clínico ter sido sempre muito mais forte do que o lado *publish or perish* – é feita predominantemente de artigos de revisão, comentários e capítulos de livro, eu achei que uma boa maneira de impressionar a banca examinadora seria apresentando cartas de recomendação de figurões incontestáveis, que ressaltassem o meu trabalho no campo da educação e saúde, na Sociedade Brasileira de Pediatria (particularmente no Departamento Científico de Segurança e no Jornal de Pediatria) e meu envolvimento internacional com a revista Injury Prevention. Fiquei evidentemente satisfeito com a resposta positiva de todos os ilustres convidados; porque afirmaram com muita ênfase que eu mereço a promoção a professor titular; mas, acima de tudo, fiquei muito honrado em vista do status acadêmico de cada um dos depoentes.

Waldomiro Carlos Manfroi, figura de destaque na educação médica brasileira, duas

¹¹ Transcrevo aqui os atributos muito bem compilados pelo professor Luis Augusto Paim Rohde, no memorial apresentado à Faculdade de Medicina da UFRGS, como parte do concurso para professor titular no Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, em 2011: familiaridade e respeito pela história da sua área de conhecimento e de seu departamento e unidade; formação consistente; atuação ética, servindo de modelo de identificação para as gerações mais novas; harmonia e excelência no ensino, pesquisa e assistência; atuação na extensão, promovendo devolução do saber construído para a comunidade; experiência administrativa; capacidade de liderança reconhecida de forma inequívoca pelos pares; conectividade nacional e internacional, promovendo uma compreensão abrangente dos rumos da especialidade; visão voltada para o futuro de sua área, mas integradora com as demais áreas; paixão pelo que faz e pela vida acadêmica; compromisso total com o paciente, razão final de qualquer ato médico.

vezes diretor da Faculdade de Medicina da UFRGS e candidato a reitor, foi o mentor do Projeto de Pós-Graduação em Educação e Saúde – que me atraiu à pós-graduação, depois de trinta e cinco anos de renitente atuação como professor clínico –, e acabou por me passar a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, o PPGENSAU. Manfroi destaca em sua carta a minha inserção na vida pós-graduada.

Claudio Schvartsman, reitor da Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein e professor da USP, desenvolve um trabalho inovador na educação médica e carrega com desenvoltura o legado acadêmico de seu pai, Samuel Schvartsman, pioneiro e propulsor da injuriologia¹² no Brasil. Claudio, com quem trabalhei por muitos anos no Departamento Científico de Segurança da Sociedade Brasileira de Pediatria, fala das minhas atividades associativas e além delas.

Ivan Barry Pless, pediatra e professor aposentado na McGill University, é uma referência máxima no campo de estudo ao qual o mundo anglófono se refere como *injury field*. Fundador da revista Injury Prevention, foi seu editor-chefe por quinze anos, até se aposentar, ocasião em que me indicou como seu sucessor. Na sua carta, Barry sugere de leve a contrariedade que lhe causou o fato de eu ter sido preferido pelo editor atual, Brian Johnston, que, de qualquer modo, me convidou para continuar trabalhando no periódico, como [editor-associado](#). A carta traz uma interessante discussão dos critérios para promoção a professor titular e o papel do ensino.

Luciana Rodrigues Silva, destacada professora da Universidade Federal da Bahia, é a presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria. Embora eu tenha feito parte do grupo que foi seu oponente na acirrada disputa pela presidência da SBP, passado o período eleitoral, Luciana convidou-me para o cargo de [secretário do Departamento Científico de Segurança](#), o que atesta seu elevado nível de ética acadêmica.

Shanthi Ameratunga, da University of Auckland, na Nova Zelândia, é uma pesquisadora muito ativa e requisitada na área da segurança, com quem eu tive o privilégio de escrever mais de um texto, sendo o mais recente um capítulo do livro [Oxford Handbook of Public Health Ethics](#), que ainda está no prelo. Shanthi, que, assim como eu, já foi chefe de departamento, dá um depoimento bem interessante sobre o desafio de conciliarmos responsabilidade clínicas e administrativas com o que ela chama de doutoralidade da pesquisa.

¹² Falar de Samuel Schvartsman é falar da história do que ele e seus contemporâneos chamavam de “prevenção de acidentes”. Em homenagem a ele e a esse grande campo de estudo e prática preventiva, arvorei-me em usar um termo ainda mais estranho do que doutoralidade: injuriologia. Para saber por quê, ver a [página 42 da introdução da minha tese de doutorado](#) e meu [comentário](#) sobre o artigo seminal de Deborah Girasek, publicado na revista Injury Prevention.

CARTA DE RECOMENDAÇÃO

Ilma. Professora Lúcia Kliemann

Digna Diretora da Faculdade de Medicina da UFRGS e responsável pelo processo avaliativo para promoção à classe de Professor Titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Tenho a grata satisfação de recomendar o Professor Danilo Blank, docente associado IV, do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para concorrer ao posicionamento funcional no quadro de Professor Titular.

Tenho acompanhado as atividades do Prof. Danilo Blank desde que foi nosso aluno de graduação em 1972, quando o ensino ainda se desenvolvia nas dependências da Enfermaria 38 da Santa Casa de Porto Alegre. Depois de se formar médico em 1975, frequentou dois anos de residência (1976-1977), patrocinada pelo então Departamento de Pediatria e Puericultura da nossa Faculdade.

Ao ingressar como docente do mesmo departamento, em 1978, passou a se dedicar ao ensino de graduação, dos residentes, e como preceptor da Residência Médica em Pediatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre - Desde março de 1982.

Em 2004, foi selecionado, em nível de Doutorado, para ingressar na Linha de Pesquisa Educação e Saúde da Faculdade de Medicina e com apoio da Faculdade de Educação da UFRGS.

A partir de então, passou a participar das Oficinas de Educação e Saúde que se desenvolviam nos Congressos Brasileiros de Educação Médica, atividades por mim coordenadas durante os anos de 2007-2008-2009-2010-2011-

Em 2009, depois de obter os trinta e seis créditos regimentais, teve sua tese aprovada, sob o título: *Formação acadêmica e concepções de acidente e injúria em falantes do português: em busca de contrastes entre a língua cotidiana e línguas especializadas selecionadas*, obtendo, assim, o título de Doutor em Saúde da Criança e do Adolescente, na linha de pesquisa Educação e Saúde.

Em 2012, ao ser implementado o Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde - Mestrado Profissional da FAMED/UFRGS, o Prof. Danilo Blank passou a fazer parte do Corpo Docente Efetivo, para ministrar a disciplina “Saúde e Doenças Contextuais” e orientar uma aluna.

Em 2015, foi eleito, por unanimidade do corpo docente, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando foi implementada, dentro outras realizações, a revista eletrônica Saberes Plurais: Educação na Saúde (SEER/UFRGS).

Desde 2016 é Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da UFRGS.

Em 2017, foi reeleito por unanimidade do corpo docente, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Destaca-se ainda que o Prof. Danilo é Editor Associado do Jornal de Pediatria (SBP), da revista Injury Prevention (BMJ Journals) e da revista Saberes Plurais: Educação na Saúde (SEER/UFRGS).

Pelo exposto, reconheço que o Prof. Danilo Blank tem as qualificações necessárias para a progressão ao nível posicional de Professor Titular da Faculdade de Medicina da Universidade federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 07/08/2017



Prof. Dr. Waldomiro Carlos Manfroi
Prof. Emérito da UFRGS

São Paulo, 9 de agosto de 2017

Acompanho a brilhante carreira do Prof. Danilo Blank há cerca de três décadas, sendo neste período testemunha privilegiada do seu engajamento em ações de promoção de saúde e tratamento da doença de crianças e adolescentes.

Juntos militamos no Departamento de Segurança da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), onde pude desenvolver profunda admiração pelo seu incansável e competente trabalho na criação e disseminação de diretrizes para a proteção dos indivíduos na faixa etária pediátrica, vítimas preferenciais da morbidade e mortalidade causadas pelas causas externas.

Sua atuação associativa agregou muito valor à pediatria brasileira. Abrangeu alunos de medicina e médicos pediatras, através de incontáveis aulas, congressos, elaboração de protocolos e políticas de proteção. Escreveu livros e capítulos de livros para o público médico e não médico e liderou a criação de diretrizes junto à SBP, que resultaram na publicação de manuais de grande importância. Atingiu de maneira especial o público leigo, alertando para a crescente importância das causas externas como fator de morbidade e mortalidade em nosso país.

Além de todo este importante trabalho, trabalhou durante anos como editor associado da mais prestigiada revista científica pediátrica brasileira, *Jornal de Pediatria*, tendo colaborado de maneira decisiva para a consolidação deste periódico científico, indexado junto ao *Medline* e com fator de impacto. Consolidando sua atuação como editor científico e como grande especialista na área de prevenção de acidentes, tornou-se também editor associado da publicação *Injury Prevention*, de grande relevância na área, além de exercer com rara competência o cargo de diretor de publicações da SBP.

Em nossos anos de convivência, pude testemunhar sua capacidade de articulação e de liderança e como seu trabalho no Departamento de Segurança da SBP, que presidiu por um mandato, agregou valor fundamental à área de prevenção de acidentes e como ampliou seu espaço de discussão junto aos atores responsáveis por políticas públicas e junto à classe pediátrica.

Acompanhei com profundo interesse seu brilhante doutorado junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul justamente versando sobre formação acadêmica na área, bem como sua forte atuação docente no Departamento de Pediatria e Puericultura da Faculdade de Medicina desta universidade, à qual há 3 anos passou a se dedicar em tempo integral.

Desta maneira, vejo com enorme satisfação mais um marco em sua brilhante carreira que é a participação no processo de promoção a professor titular desta prestigiosa instituição de ensino. Certamente irá contribuir mais ainda em sua contribuição científica, didática e assistencial.

Prof. Dr. Claudio Schwartsman
Reitor da Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein
Professor Livre Docente pela Faculdade de Medicina da USP

July 31, 2017

Professor Lucia Maria Kliemann
Dean of the Faculty of Medicine
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos 2400
Porto Alegre, RS, Brazil, CEP 90035-003

Re: Danilo Blank

I am writing to strongly support the application of Danilo Blank for promotion to the rank of Professor Titular (the North American equivalent being Full Professor). I have known Danilo for nearly 20 years and believe I can provide an objective appraisal of his work and status. In doing so I am guided by my experience with many such requests and also by the criteria my own University (McGill) uses for such promotions.

I first became acquainted with Danilo in 1999 when he submitted a letter to the scientific, peer reviewed Journal, Injury Prevention. As editor in chief, I judged the letter to be interesting and well written and we readily agreed to publish it. That letter also touched on an issue that, as editor, I was trying to remedy. This issue was the relative neglect of studies done outside of North America and Australia. In the child injury prevention field, this was certainly true for South America (and indeed in much of Europe as well). Danilo's letter stated: "... what prompted this letter was the fact that Braver et al cite only European, North American, and Australian data on banning children from front seats. However, none of the places mentioned require compulsory rear seat positioning for every child, irrespective of their being restrained, perhaps the only exception being the state of Louisiana. As in other international comparisons that have appeared in Injury Prevention, there is an utter lack of South American data, which is nevertheless quite understandable, given the scarcity of our statistics." The letter goes on to call attention to the impressive child car safety legislation enacted in Brazil in 1998. Appropriately, Danilo expresses his pride in the enactment, enforcement, and apparent success of this law.

Given my struggle to make the Journal more truly international, I was sufficiently impressed with the points Danilo made in the letter and in his CV that I invited him to join our editorial board consisting of world leaders in the field. Reading his CV I took particular note of his role as executive

July 31, 2017

editor of Jornal de Pediatria since 1995. To my delight, he accepted my invitation and for a long while he has been the only Latin American on the editorial board of Injury Prevention.

As a bonus to the Journal, and to the field, I was greatly impressed when I learned that that 35 years after he graduated in medicine Danilo was awarded a doctoral degree (PhD). This is generally remarkable, and particularly so for anyone with heavy clinical responsibilities.

To put this accomplishment in perspective, I was curious to learn how many MD-PhDs there were in the US. (I have supervised only 4 such students over a period of over 40 years in academia). A google search revealed a NIH report for 2014 indicating that there were 14,000. However, there were only 1700 MD/PhDs who had received NIH funding. As I note below, after acquiring his PhD, Danilo was invited to serve as an examiner for 14 master's or PhD theses and it appears there were two others that predated his PhD.

For me, at Injury Prevention, his contributions, as reviewer, advisor, and colleague were invaluable; he was astute, prompt, detailed, and thoughtful in his responses. These qualities were such that my successor, Professor Brian Johnston, invited him to continue to serve on the board as one of 6do Associate Editors. I might add that when I retired, Danilo was invited to apply for the position of editor of Injury Prevention. I strongly supported his application but the publishers chose Dr. Johnston.

One key criterion I use when considering the merits of a promotion to the rank of full professor is whether the applicant is highly regarded and has served the University well. As well, I ask if she or he is likely to continue to do so. There can be no question of the high esteem in which his colleagues hold Danilo. This is exemplified by the many roles he has played for the Brazilian Society of Pediatrics. In addition, he has a well deserved international reputation, based in large part on his role with the Journal and the international conferences at which he has participated. 's

Another important criterion I use is teaching. I have been assured that he is an excellent clinical teacher. Unfortunately, as is too often the case for academics in the US and Europe, there is no teaching dossier to confirm

July 31, 2017

this information. For many medical schools, including McGill, teaching is ranked at the top of the criteria for promotion and, in my view, rightly so. I should note in this context, that Danilo's invitations to serve on the board of examiners for so many MSc and PhD student's theses. is an honour only given to highly respected academics.

Finally a popular, perhaps over-rated criterion is the applicant's publication record. Danilo's is impressive, especially for someone who has primarily been a clinician. As is true of many European medical schools, it seems that in Latin America clinicians are expected to be clinicians, not researchers. When it comes to publications for the most part what is expected of clinician professors are reviews or teaching material. This stands in sharp contrast to the emphasis in North American academia where a 'publish or perish' ethos prevails. Given this, I was surprised and impressed with Danilo's long publication record and that I was able to confirm that that of the 43 publications in periodicals listed in his CV, nearly one half (20) appeared in peer reviewed journals. In my long experience reviewing applications for promotion to full professor in Canada, the US, and Europe, few physician academics who are primarily clinicians even reach, let alone exceed, that number.

In summary, this promotion is well deserved, fully justified, and perhaps somewhat overdue. Danilo is an acknowledged leader and scholar in his chosen field. His contributions are not only important for Brazil but for the international child injury prevention community.

Yours truly,



Barry Pless, CM, MD, DSc (Hon), FRCPC, FRCPCH (Hon), FCAHS
Professor Emeritus, Pediatrics, Epidemiology and Biostatistics, McGill
University
Editor Emeritus, Injury Prevention



SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA

Filiada à AMB - Associação Médica Brasileira



DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o Prof. *Danilo Blank* demonstra profícua e consistente atividades ao longo dos anos nas áreas didáticas, assistenciais e de pesquisa, sendo absolutamente merecer da aspiração para Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Além disso, quero aqui enfatizar sua valiosa contribuição aos pediatras brasileiros em vista do seu comprometimento com a vida associativa na Sociedade Brasileira de Pediatria.

Nesta Sociedade tem colaborado em várias atividades sem solução de continuidade desde o ano de 1983, quando foi pela primeira vez membro do Departamento de Acidentes, participando ativamente deste departamento até a presente data. Organizou e participou de vários Congressos, publicou capítulos e livros, foi membro do Conselho Editorial dos Manuais da SBP, e desde 1995 é membro do Conselho Editorial do jornal de Pediatria. Ainda na Sociedade Brasileira de Pediatria foi Coordenador da Graduação da Diretoria de Ensino e Pesquisa e Diretor de Publicações da SBP, tendo nas duas ultimas edições do Tratado de Pediatria, participado com organizador e membro do Conselho Editorial.

Em 20 de agosto de 2017.

Luciana Rodrigues Silva

Luciana Rodrigues Silva
Presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria
Profa. Titular de Pediatria da Universidade Federal da Bahia
Membro da Academia Brasileira de Pediatria

Sede SBP	Fundação SBP	Academia Brasileira de Pediatria	Memorial da Pediatria Brasileira Lincolne Fozote	Escritórios Regionais	Rio Grande do Sul	Distrito Federal
A. Sena-Costa, 202, Cajazeiras - Rio de Janeiro - RJ CEP: 23240-000 Tel: (21) 2546-1089 Fax: (21) 2547-3367 E-mail: sbp@sbp.org.br	Almirante Lacerda, 110, 5º andar C.R.I. Centro - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ CEP: 20030-000 Tel: (21) 3000-0000 Fax: (21) 3001-4888 E-mail: sbp@sbp.org.br	R. Cesário Velloso, 361 Cesário Velloso - Rio de Janeiro - RJ CEP: 22210-000 Tel: (21) 2537-2888 Fax: (21) 2537-2544 E-mail: cesario@sbp.org.br	R. Cesário Velloso, 361 Cesário Velloso - Rio de Janeiro - RJ CEP: 22210-000 Tel: (21) 2537-2888 Fax: (21) 2537-2544 E-mail: cesario@sbp.org.br	R. Pedro Balbino, 123, sala 301 Fazenda Santa Rita - Belo Horizonte - MG CEP: 31210-000 Tel/Fax: (31) 3251-1128 E-mail: cesario@sbp.org.br	Av. Cachoeira, 120, sala 301 Av. Presidente Dutra - Novo Hamburgo - RS CEP: 92100-000 Tel/Fax: (51) 3221-0010 Fax: (51) 3221-0520 E-mail: cesario@sbp.org.br	Morumbi, Quedas 700 - Águas F. Eduardo Gómez Centro, 2º andar CEP: 72200-000 Tel: (61) 3227-9000 Fax: (61) 3227-9017 Fax: (61) 3226-5946 E-mail: cesario@sbp.org.br

Shanthi Ameratunga
MBChB MPH PhD FRACP FAFPHM
Professor of Public Health



MEDICAL AND
HEALTH SCIENCES

Faculty of Medical and Health Sciences

The University of Auckland
Private Bag 92019
Auckland 1142
New Zealand

Tel: +64 9 923 6354
Fax: +64 9 373 7503
Email: s.ameratunga@auckland.ac.nz

28 August 2018

Professor Lucia Maria Kliemann
Dean of the Faculty of Medicine
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos 2400
Porto Alegre, RS, Brazil, CEP 90035-003

Dear Professor Kliemann

It gives me great pleasure to write this letter in support of Dr Danilo Blank's application to promotion to full professor. I should note that having heard of the upcoming application, I requested the opportunity to write this letter.

I have known Dr Blank for over 10 years, dating back to the time I joined the editorial board of the BMJ *Injury Prevention* journal. Through this role, meetings at conferences, and collaborative discussions over the years, I have developed a very high regard for Danilo's astute and critical knowledge and academic scholarship in the field of injury prevention and public health. He has struck me as someone who is exceptionally qualified to provide a global perspective on the topic of injury and trauma, drawing on his own experiences as well as broad appreciation of issues in a range of low- and middle-income country settings. His contribution to critical points of debate and discussion in the editorial board's review process have raised the quality of critique and level of excellence of the journal.

Given my awareness of his expertise, I sought his input to two scientific publications noted in his CV. The first, was published in 2011: Hosking J, Ameratunga S, Morton S, Blank D. A life course approach to injury prevention: a "lens and telescope" conceptual model. BMC Public Health. 2011;11:695. As anticipated, I found Danilo's contribution invaluable, both for his critical insights as well as the collaborative approach that helped the group of authors to develop an extended framework for considering injury prevention drawing on traditional and emerging research concepts in the field.

More recently, I invited Danilo to join my colleague, Dr Monique Jonas (ethicist), and me to write the chapter on Unintentional Injuries in the Oxford Handbook of Public Health Ethics. This chapter is now 'in press' having received highly favourable reviews from the



MEDICAL AND
HEALTH SCIENCES

Section editor (Professor Adnan Hyder, Johns Hopkins University) and the Book Editor (Professor Anna Mastroianni, University of Washington). Danilo's ability to reflect on the implications of our topic to diverse audiences (e.g., law, ethics, public health, and philosophy), awareness of an array of research references of relevance, and attention to detail, were invaluable for this successful writing collaboration.

On a more general note, I wish to share the following. As someone who worked as a paediatrician for several years before moving to a more formal academic role, I am aware of the many demands that busy clinicians and Heads of Department have to contend with. I am therefore very impressed by Danilo's achievements in research scholarship alongside his major service and professional commitments.

I wish him the very best with this application. The role of full professor would be an acknowledgement he richly deserves.

Sincerely yours

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Shanthi Ameratunga".

Shanthi Ameratunga, MBChB MPH PhD FRACP FAFPHM
Professor of Public Health
School of Population Health

Anos 50: Proto-história acadêmica

Nasci em Porto Alegre, no finalzinho de 1951. O parto foi normal, sem a presença de pediatra na sala de parto (a bem da verdade, sem mesmo a presença de obstetra, pois a rotina naqueles tempos era os nascimentos serem assistidos somente por uma parteira). Em compensação – antecipando o que viria a ser, muitos anos depois, a tônica do Hospital Amigo da Criança –, me determinei a jamais aceitar qualquer tipo de bico ou chupeta de borracha e, assim, recebi aleitamento materno exclusivo quase até o final do primeiro ano de vida¹³.

Em contraste com relatos comuns em memoriais que falam de grandes obstáculos e distâncias físicas que foram superados, tive desde o começo um caminho bem pavimentado para a formação acadêmica, num grande centro urbano. Meus pais, embora filhos de imigrantes judeus pobres provenientes da Europa oriental, eram ambos formados pela UFRGS e tinham perspectivas mais altas de realização profissional para a prole. Valdemar, apesar de ser muito bem-sucedido como um dos dentistas mais procurados do Caminho do Meio, estava disposto a investir tudo o que pudesse para que os filhos preferentemente se tornassem médicos e tivessem ainda mais sucesso profissional do que ele. Helena, que havia sido impelida pela família a não cursar medicina – ao contrário dos cinco irmãos, todos médicos, três dos quais professores da Faculdade de Medicina da UFRGS, sendo um catedrático – e se formara em letras e piano, tinha perspectivas mais específicas para os filhos: tornarem-se médicos, preferentemente professores da UFRGS e, se possível, titulares, como o tio Moysés, seu modelo de realização¹⁴.

É interessante observar que, ao chegar da maternidade, fui instalado numa casa confortável (com piano na sala e carro na garagem), num quarto do piso superior de cuja sacada se avistava o esqueleto da construção do Hospital de Clínicas. Quer dizer: cresci olhando para aquela estrutura gigante que também crescia, na qual eu não tinha como imaginar que viria a trabalhar por tantos anos no futuro.

Minha infância foi feliz, sem sobressaltos; muito familiar, já que os avós paternos moravam ao lado do nosso sobrado, além do que meus pais estavam sempre por perto – ela dando aulas de piano em casa e ele com seu consultório dentário no

¹³ Ver o artigo de Cesar G. Victora e colaboradores, "[Association between breastfeeding and intelligence, educational attainment, and income at 30 years of age: a prospective birth cohort study from Brazil](#)" (Lancet Global Health. 2005;3:e199-e205), que sugere que o aleitamento exclusivo já tenha sido um fator predisponente a qualquer pretensão de chegar a professor titular.

¹⁴ Ver o [relato do professor Nicanor Letti](#) sobre a passagem do meu tio Moysés Cutin como catedrático da Cadeira de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da UFRGS.

prédio vizinho, na casa dos seus pais. Embora fôssemos uma família judia – meus avós falavam iídiche melhor do que português – meus pais eram essencialmente arreligiosos e trataram de propiciar a mim e a meus dois irmãos uma criação aberta e (relativamente) assimilada ao nosso meio. Assim, sempre encarei como algo meio lúdico certos costumes subservientes, como ir à sinagoga nos dias sagrados, e cresci bem porto-alegrense, ateu e com uma perspectiva humanista e esquerdizante do contexto social.

Perscrutador, sempre mais ligado nas letras do que nos esportes, alfabetizei-me aos quatro anos, quase por conta própria, valendo-me de uma curiosidade sem fim e uma competência especial de concentração e raciocínio dedutivo, que já denunciava o citado cu-de-ferrismo que seria a faceta mais permanente do meu viés acadêmico. Ser alfabetizado evidentemente me abriu muito cedo grandes janelas para o mundo, mas desde cedo meu foco não foram propriamente as letras, já que minha atenção era abrangente: a princípio, livros ilustrados – é natural –, mas logo se voltando para o rádio, discos, gibis, revistas, jornais e, enfim, encyclopédias e dicionários.

Minha educação formal foi a melhor possível: toda ela em escola pública, do jardim de infância à residência médica¹⁵. Ingressei no Grupo Escolar Rio Branco em 1956, onde recebi uma educação de ótimo padrão, que valorizava a formação integral, incluindo o estímulo a frequentar a biblioteca e a participar de atividades musicais e esportivas. Além disso, o colégio propiciava a convivência com gente de razoável diversidade social e econômica, já que o acesso não dependia de cotas, o que constituía uma vantagem formativa que certamente contribuiu para minha postura humanista.

Desse período, mesmo tendo concluído o curso primário já na década de 60 [Doc 14](#), destaco duas indicações de liderança acadêmico-associativa: o cargo de secretário¹⁶ da Caixa Econômica Mirim [Doc 15](#) e o prêmio de "Melhor Companheiro [Doc 16](#), para o

¹⁵ É muito importante registrar – não sei com que sentimento predominante, orgulho ou consternação – que, embora meu pai pudesse e estivesse disposto a pagar pela melhor educação possível, naqueles tempos o que havia de melhor era o ensino público e gratuito brasileiro. É triste e preocupante ver que, de lá para cá, políticas públicas equivocadas e, sobretudo, estultas vêm desvalorizando e degradando a educação pública de baixo para cima. De modo que, quando concluí o ensino médio – no Colégio de Aplicação da UFRGS, o melhor que havia –, a escola fundamental pública já não era o que havia sido nos anos cinquenta; ao me formar na Faculdade de Medicina da UFRGS, a melhor que havia, o nível médio já caía de padrão vertiginosamente; hoje, as políticas de desmantelamento da educação superior são o que se vê.

¹⁶ A propósito, a [ata](#) redigida por mim ilustra bem como vem de longa data a formatação das habilidades com documentos desse tipo, que viriam a ser muito úteis para os registros das reuniões do [Colegiado do Departamento de Pediatria](#).

qual fui eleito entre todos os alunos das quintas séries da escola.

Então, dar-se-ia o que eu considero a grande virada na minha vida: prestar o exame de admissão ao concorrido Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da UFRGS.

Anos 60: UFRGS

No início dos anos sessenta, época de grande efervescência cultural e econômica no Brasil, o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da UFRGS era na cidade um modelo de escola de ensino médio – naquele tempo, cursos ginásial e colegial. O ingresso era muito concorrido e se dava por meio de um exame de admissão composto por testes de conhecimento, redação e psicológicos¹⁷. Fui aprovado em quarto lugar e, assim, em março de 1993, ingressei na UFRGS, dando início a uma trajetória ininterrupta de dedicação (quase) integral à vida universitária e acadêmica, que segue até os dias atuais¹⁸.

O Aplicação (como era conhecido), diferentemente de quase todas as escolas do nosso meio, tinha atividades em dois turnos, mas nos sábados de manhã, o que exigia dos alunos uma dedicação intensiva às lidas acadêmicas. Mas o que, a meu ver, mais diferenciava seu método pedagógico eram três facetas: o estímulo ao trabalho em grupo – com muito debate, além de muitas horas de trabalho fora do horário escolar –, a prática da busca bibliográfica sem tutoria direta dos professores e uma exposição concertada às artes (principalmente teatro, música e artes plásticas).

Um dos primeiros reflexos do ponto de vista acadêmico de eu estar nesse colégio foi que meu pai, nunca poupando em assuntos de educação, comprou uma Encyclopédia Barsa – a versão lusófona da venerável Encyclopædia Britannica –, que me absorveu durante horas e horas ao longo dos anos seguintes¹⁹.

Em segundo lugar, em virtude de estar no seio da universidade (ainda mais na Faculdade de Filosofia) e por contar com um corpo docente com ideias arejadas, éramos envolvidos num debate sócio-político bem profícuo, que insistiu em se

¹⁷ Há argumentos de que o bom nível formativo do Aplicação se devia mais à rígida seleção dos alunos do que aos métodos pedagógicos próprios de uma escola experimental incrustada na universidade, mas a abertura de perspectivas acadêmicas que aquele meio proporcionava era inquestionável.

¹⁸ O (quase), entre parênteses, significa que a dedicação só não foi absolutamente integral porque passei um ano fora, entre 1968 e 1969, como estudante de intercâmbio na Weston High School, nos Estados Unidos, e também porque nos primeiros 36 anos de atividade médica atuei em clínica pediátrica privada e como pediatra no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, ligado ao Ministério da Saúde. No mais, tirando rápidas fugidas para congressos, não arredei pé por um dia do câmpus da UFRGS.

¹⁹ Para um futuro médico, a Barsa era um requinte de fonte de conhecimento, inclusive pelo seu atlas anatômico impresso em páginas transparentes que revelavam as camadas do corpo humano, como se numa dissecação.

manter aceso mesmo depois de iniciado o violento processo de amordaçamento e desmantelamento que a ditadura de 1964 impôs ao meio acadêmico em particular. Com suas dores e sorrisos, essa conscientização acerca da importância de lutar pelos direitos humanos me marcaria profundamente, forjando valores humanistas que viriam a ser apropriados e relevantes à minha atitude médica e docente na área da saúde.

Por outro lado, o Aplicação tinha um corpo discente no qual predominava a elite acadêmica da cidade, pois, embora com bastante diversidade, atraía muitos filhos de professores da UFRGS; o que nos aproximava do meio científico. Por exemplo, tivemos várias oportunidades de receber para palestras íntimas professores de medicina que então não suspeitávamos que fossem tão renomados, como o pai do Cláudio Maciel, meu colega de turma, e o pai da Virgínia Rigatto, da turma dois anos atrás da nossa²⁰.

Ainda no campo acadêmico, o Aplicação tinha uma faceta que o distingua das escolas tradicionais e propiciava a construção de bases muito sólidas para a formação científica, que era o ensino organizado e sequencial de línguas estrangeiras. Como eu já frequentava o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano desde os tempos do Rio Branco, optei por entrar para o seletivo grupo de alunos que tinha o francês como primeira língua estrangeira, o que acabou me proporcionando uma formação tão ou mais completa quanto a que eu já tinha em inglês e abrindo horizontes mais amplos de leitura²¹.

Entre tantas experiências marcantes que o Aplicação me propiciou, possivelmente a maior foi a oportunidade de ter passado um ano inteiro como estudante de intercâmbio nos Estados Unidos. A Weston-Rombas Affiliation era um convênio entre as cidades de Weston (Massachusetts, USA), Rombas (Moselle, França) e Porto Alegre, que patrocinou o intercâmbio de estudantes, numa época em que as oportunidades desse tipo de experiência eram muito raras e disputadas. O Colégio de Aplicação entrou no convênio em 1961 e passou a selecionar anualmente um de seus alunos para passar um ano estudando na [Weston High School](#). Em 1968, fui o

²⁰ Para quem pretendia estudar medicina, ter tanto contato prévio com o professor Mário Rigatto era um privilégio. Já a fantástica biblioteca do professor Rubens Maciel, que além dos livros até microscópio tinha, era um paraíso que frequentávamos e que alavancava qualquer trabalho de pesquisa em grupo.

²¹ Cabe aqui um destaque especial para o excelente curso de francês do Colégio de Aplicação, capitaneado pela professora Iolanda Dipp, assim como para a experiência envolvedora que era o velho Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, nos altos do Edifício União, na Avenida Borges de Medeiros, com sua fantástica biblioteca e materiais abundantes sobre os EUA. Não tenho dúvida de que ambos pavimentaram a minha paixão por línguas, inclusive o português, que muitos anos depois culminaria com a produção da minha [tese de doutorado](#), toda baseada em linguística.

estudante selecionado, num processo que levava em conta desempenho acadêmico e predicados de socialização.

O ano que passei na Nova Inglaterra, vivendo em casas de famílias locais, valeu por dez em termos de amadurecimento, aprendizado acadêmico e experiências de comunicação, pois vivi intensamente a cultura bostoniana típica, incluindo visitas ao tradicional bairro de Cambridge – área de concentração *hippie* e da prestigiosa Harvard University –, debates em torno da florescente contracultura (embalada pelo nascente rock progressivo) e até a participação numa legítima peça musical²².

Porém, o que certamente teve maior significado para a minha formação médica futura foi o domínio da língua inglesa e o excelente curso de biologia, no qual tive oportunidade de aprender estatística num plano mais avançado do que viriam a ser as aulas do professor Edgar Mário Wagner, na Famed, além de planejar e executar dois experimentos científicos relativamente complexos, conhecer de perto o funcionamento da fabulosa biblioteca da Harvard Medical School e até assistir a uma neurocirurgia no Boston Children's Hospital. A propósito, meu histórico escolar da Weston High School mostra que obtive conceito máximo nas duas disciplinas da área de ciências: química e biologia avançada **Doc 17**.

Voltei a Porto Alegre em agosto de 1969, já com o último ano do curso colegial (científico) em andamento, mal tendo tempo para recuperar as matérias aqui desenvolvidas enquanto eu estava fora²³ e preparar-me para o exame vestibular, que ocorreu cinco meses depois.

Assim, concluído o curso colegial, em dezembro daquele ano **Doc 18**, mais um desafio a ser vencido: classificar-me bem no exame vestibular, de modo a permanecer na UFRGS.

Uma curiosidade: o vestibular unificado daquele ano ocorreu no Hospital de Clínicas, cuja construção que eu observara da minha janela durante tantos anos já estava em fase final. Lembro-me perfeitamente de que a sala onde prestei o exame ficava no andar térreo, mais ou menos onde seria instalada dois anos depois a Zona 4 da área dos ambulatórios. Jamais poderia então imaginar que em oito anos eu

²² Dentre os debates, alguns dos melhores ocorreram na disciplina de história, na qual eu costumava ser convidado a explicar a situação política brasileira, o que sempre me causou constrangimento, mormente depois do mês de dezembro daquele ano, em que o jornal Boston Globe estampou na primeira página a notícia de que havia sido baixado no Brasil o famigerado Ato Institucional nº 5, a expressão mais acabada da ditadura no nosso país.

²³ Como o currículo do último ano da *high school*/estadunidense só permitia cursar duas ciências, optei por biologia e química, de modo que todo o conteúdo de física eu fui obrigado a estudar por conta própria, nos cinco meses de preparação para o vestibular.

teria me formado médico, concluído a residência em pediatria, me tornado docente e, afinal, que exatamente naquele lugar eu viria a passar outros trinta e tantos anos lecionando pediatria clínica.

Enfim, fui aprovado no exame vestibular e, logo, não precisaria me afastar da UFRGS, que já era como a minha casa: para me transferir do (então) prédio novo²⁴ do Aplicação até a Casa de Sarmento bastava uma dúzia de passos.

Em tempo: como uma espécie de epílogo das minhas aquisições acadêmicas da década de 60, obtive aprovação no exame para obtenção do Certificado de Proficiência em Inglês da Universidade de Michigan **Doc 19**, – corroborando o domínio daquela que já se consagrava como a língua franca das ciências e, a seguir, de toda a comunicação global – o que me credenciou tecnicamente para muitas das atividades relacionadas com as línguas (tais como a função de professor de inglês técnico para médicos, as editorias de periódicos científicos, a organização de livros e a pesquisa na área da terminologia médica), que disso adviriam a partir dos anos setenta.

²⁴ O Colégio de Aplicação, desde a sua fundação até 1966, funcionou em duas estruturas de madeira, as tradicionais brizoletas, localizadas atrás do prédio da Rádio Universidade, entre o biotério da Faculdade de Medicina e o bar da Faculdade de Arquitetura, quando se mudou para o novo prédio que abrigaria a Faculdade de Educação.

Anos 70: Formação médica e Departamento de Pediatria

A entrada para valer na Faculdade de Medicina da UFRGS envolveu bem mais do que a dúzia de passos que separavam o Aplicação do pomposo prédio em estilo neoclássico na confluência das ruas Sarmento Leite e Prof. Luiz Englert e o batismo dos bixos, com cabeças raspadas, pinturas nos corpos e demais humilhações. De fato, levou quase os seis anos do curso o processo de amadurecimento da noção do que é ser médico, com todas as suas implicações de – sim – muito conhecimento científico e habilidades clínicas eminentemente técnicas, mas necessariamente associados com competências humanistas, de comunicação e de responsabilidade social, bem temperadas com doses de altruísmo e da consciência humilde do contrato de aprendizagem para a vida toda²⁵.

Nos primeiros dois anos, fui – como quase todos os colegas – assoberbado (assolado?) pela carga de conhecimento das disciplinas básicas, muitas coisas novas nas áreas de anatomia, histologia, bioquímica, fisiologia e outras, que nos eram apresentadas de modo completamente desvinculado das atividades clínicas e de atenção à saúde, cuja correlação com tudo aquilo deveria ser predominante. Além disso, com exceção das atividades práticas, bem ilustrativas – ainda que também desvinculadas de um olhar propriamente médico –, preponderavam aulas expositivas que recitavam o que estava escrito nos livros-texto.

Num primeiro momento, até tentei participar de atividades voluntárias em enfermarias da Santa Casa de Misericórdia, nosso hospital-escola, que tradicionalmente atraíam alunos dos primeiros anos de graduação ávidos por contato com o fazer médico, como era o caso da 10ª enfermaria, dedicada à cirurgia. Mas o baixo padrão acadêmico desse ambiente me empurrou de volta para a sede da Famed, especificamente para a biblioteca.

A biblioteca da Faculdade de Medicina me fascinava especialmente; acolhedora, aberta até as dez da noite, com centenas de livros emprateirados bem à mão, que podiam ser degustados em poltronas confortáveis. Muitos não eram novos, mas para quem o interesse primordial não eram as últimas novidades do mundo clínico, mas conceitos médicos fundamentais bem escritos, era um banquete. Foi ali que eu

²⁵ Nesse sentido, embora eu não tenha anexado neste memorial apresentações e palestras, acho interessante chamar a atenção para conferência "[Educação médica: contribuição ao diálogo com o Núcleo Docente Estruturante da Famed/UFRGS](#)", que dei no ano passado e que está disponível na seção de palestras do meu site institucional. A propósito, dar visibilidade a materiais de aulas apresentadas, como esse, faz parte do meu projeto de promoção do portfólio no contexto do desenvolvimento docente.

descobri que ser proficiente em inglês, mais do que uma vantagem, era condição essencial para efetivamente tirar proveito da literatura médica acadêmica. E isso ficava mais evidente se descêssemos ao porão da biblioteca, que meio que escondia algo ainda mais fascinante: a seção de periódicos científicos. Ali sim, se tinha acesso às revistas médicas mais importantes – como *The Lancet*, *The New England Journal of Medicine*, *JAMA* e muitas outras –, que traziam relatos dos últimos progressos em pesquisa com comentários pertinentes de experts²⁶. E foi ali, embora eu já tivera aquele contato circunstancial com a fabulosa biblioteca de periódicos da Universidade de Harvard, que se deu a minha verdadeira inserção no mundo da jornalologia²⁷.

Meu primeiro trabalho efetivo em uma publicação médica deveu-se, em parte, pela minha proficiência em inglês. O professor Bruno Fialho Braga, editor da Revista AMRIGS, consciente da relevância de bons resumos vertidos para o inglês em toda revista biomédica, convidou-me para cuidar disso, na qualidade de assessor de redação **Doc 20**. Esse trabalho me propiciou um grande crescimento, não só pela aproximação com a produção científica local, mas principalmente pela convivência com o conselho editorial da revista, composto por grandes professores, todos da nossa Faculdade de Medicina da UFRGS.

Nessa época, bem antes de instalarem-se no meio acadêmico a ditadura do índice h e o furor publicador de artigos baseados em estudos originais, o modelo universitário de todo estudante de medicina eram esses professores, eminentemente dedicados à clínica e à formação de bons médicos clínicos, o que incluía a supervisão diuturna do atendimento de pacientes à beira do leito e, sobretudo, escrever artigos de revisão e livros. Gente como eu, que aspirava ser como tais mestres, tinha como meta ser pelo menos coautor de um artigo na Revista Científica do CASL ou na Revista de Medicina ATM²⁸. Para tanto, investíamos muitas

²⁶ O acesso ao conhecimento corrente – vale a pena deixar claro – ocorria com alguns meses de atraso, até que os periódicos chegassem à biblioteca por correio. Isso é impensável para quem, cinquenta anos no futuro, faz *downloads* instantâneos de textos integrais de artigos que ainda estão por ser publicados. Além disso, no início dos anos setenta, como as máquinas de xerox mal começavam a chegar no nosso meio, a maneira de extrair as informações das revistas era com lápis e papel.

²⁷ *Journalology* – termo [oficialmente lançado](#) por Stephen Lock, então editor do *British Medical Journal* – refere-se à ciência da publicação científica, já bem estabelecida no universo acadêmico. Em português, jornalologia ainda é palavra que causa certo estranhamento (ver [comentário](#) de Martins e Silva), mas, como se trata de uma atividade na qual tenho atuado muito intensamente – como editor associado do [Jornal de Pediatria](#) e da [Injury Prevention](#), além de outras publicações –, justifica-se sua inclusão neste memorial (e sem aspas), assim como a doutoralidade.

²⁸ A [Revista Científica do CASL](#) era o periódico acadêmico oficial do Centro Acadêmico Sarmento Leite. Publicada intermitentemente entre 1939 e meados dos anos oitenta, servia de veículo para as produções dos alunos, geralmente junto com professores. Já a [Revista de Medicina ATM](#) saía

e muitas horas de compenetração nos livros. Com o tempo, o contato com a biblioteca acabava por levar a incursões em clubes de revista dedicados a discutir artigos científicos, o que de certa forma oxigenava o conhecimento, mas os textos de revisão e atualização eram o foco principal.

Minha iniciação no ciclo clínico do curso médico não poderia ter sido melhor, já que o meu grupo da disciplina de semiologia teve a imensa sorte de ser destacado para ficar aos cuidados do professor Aloysio Cechella Achutti, na 38ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, dedicada à cardiologia, onde também tínhamos contato com os professores Guenther von Eye, Frederico Arthur Dahne Kliemann e Eduardo de Poli Bersano. A grande habilidade clínica e competência docente do professor Achutti marcou positivamente a minha formação, bem como a de toda uma geração de médicos.

Mas aquele ano de 1972 propiciou outra marca importante àquela turma de neófitos na clínica: o tão esperado início das atividades assistenciais do Hospital de Clínicas de Porto Alegre concedeu-nos o privilégio de vivermos a iniciativa pioneira no Brasil da utilização do sistema de raciocínio clínico e registros médicos orientados por problemas, então chamado Método de Weed. Quem viveu os primeiros anos do HCPA – e os jovens médicos em formação lucraram especialmente com isso – sabe bem que aquele revolucionário sistema não era só balizador do prontuário clínico do paciente, mas a sua veneranda lista de problemas conduzia a toda uma visão integrativa e lógica de abordagem dos pacientes, dos recursos de atendimento e das relações entre profissionais²⁹. Mesmo sem ter assistido à motivante palestra

anualmente, produzida pela turma de formandos, na conclusão do curso. Originalmente publicava artigos de revisão de professores, mas, à medida que textos análogos de grandes revistas estrangeiras e nacionais foram ficando mais acessíveis, passou a ser veículo de trabalhos de alunos e acabou morrendo nos anos noventa.

²⁹ O prontuário médico orientado por problemas é uma marca de nascimento do HCPA. Foi implantado sob a liderança do professor Isaac Lewin, somente quatro anos depois da publicação do [artigo seminal de Lawrence L. Weed](#) no New England Journal of Medicine, que revolucionaria os sistemas de registros médicos no mundo todo. O trabalho de [Weed](#), que se manteve ativo até a morte, em junho de 2017, aos 93 anos, serviu de base para todos os sistemas informatizados de registros médicos e é de se lamentar que o prontuário eletrônico do HCPA tenha involuído para um sistema confuso, que praticamente ignora a lista de problemas e toda a sua lógica balizadora do raciocínio clínico. Um de meus projetos é escrever – e, se possível, publicá-lo na revista do HCPA, agora [Clinical & Biomedical Research](#) – um comentário especial no cinquentenário do artigo do New England Journal of Medicine, tratando das idas e vindas do chamado Método de Weed no nosso hospital-escola e, como bem apontou Geoff Watts no [obituário](#) publicado no Lancet, por que “uma abordagem orientada por problemas com o tempo se tornou prática-padrão – mas nem tanto todo o pensamento subjacente e mais disciplinado que Weed acreditava ser um ingrediente essencial do seu sistema completo de registros médicos”.

dada por Larry Weed na Emory University, em 1971, sobre a então inovadora concepção do SOAP, entusiasmei-me tanto com ela que, um tempo mais adiante, já envolvido com as enfermarias de pediatria da Santa Casa (34^a Enfermaria e Berçário da Maternidade Mário Totta), trabalhei muito para implantá-la na nossa rotina local³⁰.

O semestre seguinte ao contato com Achutti proporcionou-me uma experiência de aprendizado tão ou mais enriquecedora, que foi o estágio na 2^a Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, chefiada pelo professor Oly Lobato. As memoráveis discussões de caso com a equipe do serviço – integrada por ninguém menos do que os professores Otto Clementino Busato, Hermes Mayer Berger, Bruno Fialho Braga e os jovens colaboradores Alberto Augusto Alves Rosa e Noemia Perli Goldraich –, ensinavam de verdade como se combinavam raciocínio clínico e atenção integral ao paciente. Como era de se esperar, saí dali muito inclinado a ser nefrologista. Entretanto, tal disposição mudaria radicalmente no quinto ano do curso, quando entrei na 34^a Enfermaria e o Ambulatório 6, os setores dedicados ao atendimento de crianças³¹.

Até cursar a disciplina de Pediatria, eu sabia que queria ser clínico, mas, ao descobrir que os mesmos princípios poderiam ser aplicados a pacientes vivazes, em pleno desenvolvimento, com perspectiva de curso de vida luminosa e, sobretudo, cujo atendimento envolvia muito mais uma abordagem do contexto familiar e comunitário, foi amor à primeira vista: virei pediatra.

Além disso, atraiu-me sobremaneira o espírito do Departamento de Pediatria e Puericultura, com um corpo docente mais jovem e receptivo, ao qual associei desde o início uma certa leveza de quem sabe tratar com crianças. Dentre os professores, os mais velhos, Raul Gastão Seibel e Enio Pilla, mal passavam dos cinquenta anos. Os demais demonstravam uma atividade jovial e empreendedora, incluindo uma

³⁰ A [palestra de 1971 na Emory University](#), que tem sido nos últimos anos divulgada amplamente na internet a ponto de ter virado *cult*, realmente merece ser assistida na íntegra.

³¹ Neste ponto da cronologia da minha trajetória, antes de começarmos a falar do Departamento de Pediatria, cabe um esclarecimento não diretamente relacionado às questões acadêmicas. Quem examina a seção inicial do meu Relatório de Atividades Docentes (RAD), que mostra os dados de identificação, verifica que ali consta que fui funcionário da UFRGS, lotado no DDRH IV, pelo período de um dia, em fevereiro de 2013, cinco anos antes de eu assumir o cargo de professor. Isso se deve ao fato de que naquele ano eu e minha noiva, Berenice Cidade Soares – ela também estudante de medicina –, em busca de um trabalho que nos desse independência financeira para casarmos, nos inscrevemos e fomos aprovados no concurso público para oficial administrativo da UFRGS. Empossados e designados para trabalhar à noite no Instituto de Letras, logo percebemos (ela mais madura e ponderada do que eu, diga-se a bem da verdade) que isso comprometeria o nosso rendimento acadêmico e nos apressamos em pedir demissão. O casamento ficaria para quando desse.

faceta bem do meu feitio, que era a publicação de livros, como o popular “[Prática Pediátrica de Urgência](#)”, editado por Renato Machado Fiori, José Luiz Bohrer Pitrez e Nilo Affonso Milano Galvão.

Tornei-me monitor do Departamento de Pediatria e Puericultura no último ano do curso [Doc 21](#)³², atuando no Ambulatório 6 da Santa Casa de Misericórdia, sob a orientação da professora Hebe Tourinho, grande experta em atenção primária, que teve profunda influência na minha opção futura de dedicar-me à pediatria ambulatorial³³. Nesse período, publiquei, juntamente com os colegas monitores Paulo Roberto Antonacci Carvalho e Lizete Mariza Meinhardt, dois opulentos artigos de revisão sobre desnutrição [Doc 22](#) e imunizações [Doc 23](#), que se tornaram referências entre nossos pares e além da Famed. Trata-se de um marco relevante no meu percurso acadêmico, pois foram os dois primeiros artigos publicados em periódico científico.

Por outro lado, possivelmente como reconhecimento da minha competência administrativa, fui convidado, juntamente com a colega Edila Pizzato Salvagni, para a função de assessor de coordenação de um curso sobre neoplasias na infância, promovido pela Divisão Nacional de Câncer do Ministério da Saúde [Doc 24](#).

Ainda no último ano do curso, dois títulos acadêmicos importantes, obtidos mediante exame de suficiência: a aprovação no exame da Educational Comission for Foreign Medical Graduates [Doc 25](#) e o Certificado de Qualificação Profissional da Associação Médica do Rio Grande do Sul [Doc 26](#).

Graduei-me médico no dia 13 de dezembro de 1975 [Doc 2](#), numa cerimônia de formatura que causou comoção, muita briga e críticas de todos os lados, pois, num protesto contra a ditadura militar que naquela época passava por um dos momentos de maior repressão – além da então usual crítica às questões internas da universidade –, nós formandos optamos por não homenagear ninguém. É impactante o [registro fotográfico](#) da cerimônia, que mostra o diretor da Faculdade de Medicina, Álvaro Barcellos Ferreira, falando sozinho numa mesa deserta, ao seu lado somente o secretário da escola. No fundo, muitos de nós sabíamos que um

³² Mais uma nota não relacionada às questões acadêmicas: com o dinheiro da bolsa de monitoria, somado ao que eu ganhava fazendo plantões no Hospital Geral do Exército (num programa que selecionava alunos do último ano do curso médico para atuarem como internos), consegui o suficiente para me casar e, assim, deixar a casa dos meus pais.

³³ A querida professora Hebe, então a única dentre os docentes do Departamento de Pediatria com formação especializada no exterior – pós-graduada no prestigioso Institute of Child Health (hoje, [UCL Institute for Global Health](#)), dirigido por David Morley –, teve tanta importância no desenvolvimento da atenção primária infantil no nosso meio, com anos de atuação nos postos de saúde da Prefeitura Municipal, que depois de seu falecimento, em 2006, virou [nome de rua](#).

número significativo de mestres mereciam homenagens, mas na ocasião o espírito de protesto falou mais alto.

Comecei a residência médica no Departamento de Pediatria e Puericultura da UFRGS³⁴, no dia seguinte ao da formatura. Sem nem termos tido tempo para respirar, já estávamos fazendo plantões na 34ª Enfermaria e no berçário, além de atendermos as urgências ambulatoriais; e, muitas vezes, como no caso de feriados, sem ao menos um residente de segundo ano por perto. Eu, contudo, estava feliz, pois tinha conseguido um lugar para a formação pós-graduada junto aos mestres que admirava e cujos passos pretendia seguir.

Os dois anos de residência transcorreram como todas as residências: muito plantão, bastante estresse com o enfrentamento das responsabilidades novas e suor no preparo das sessões anatomo-clínicas, mas tudo temperado por grande camaradagem e forjadura de solidariedade e atitude médica. No caso específico da nossa turma de residentes, muito estudo e dedicação aos livros, pois me associei a alguns colegas dotados do mesmo grau de cu-de-ferrismo, como o já citado Paulo Roberto Antonacci Carvalho e a Eliana de Andrade Trotta, na liderança do viés acadêmico do grupo³⁵. Não por acaso, nós três seguimos como professores do Departamento de Pediatria, junto com a Edila Pizzato Salvagni.

Nesse período vital na minha formação como pediatra e futuro docente, contei com o apoio e o incentivo de praticamente todos os professores, mas, mesmo consciente de estar cometendo uma indelicadeza (talvez uma injustiça), não posso deixar de citar alguns destaques: Nilo Affonso Milano Galvão, pela sua capacidade de liderança, carisma como professor e generosidade ao repartir com os alunos o seu enorme know-how na prática clínica; José Luiz Bohrer Pitrez, pela seriedade e dedicação aos livros, por ter escrito e nos ensinado a escrever e ainda pela tenacidade em fazer de enfermarias verdadeiras UTIs; Themis Reverbel da Silveira,

³⁴ Naquele tempo, a residência de uma determinada especialidade não era vinculada ao hospital em questão – no caso, a Santa Casa de Misericórdia, já que o HCPA ainda não tinha internação pediátrica e abrigava somente parte das atividades ambulatoriais, na Zona 4 –, mas ao respectivo departamento da Faculdade de Medicina, como mostra o documento nº 3 deste memorial.

³⁵ Nunca me canso de contar um caso que é emblemático do nosso comportamento: naqueles tempos, a Santa Casa, um hospital beneficente, começava a atender um número crescente de pacientes com carteira do INPS, cuja hospitalização rendia uma remuneração, depositada em contas pessoais dos professores, que, ao invés de embolsarem o dinheiro, repassavam-no integralmente aos médicos residentes. Nós, por nossa vez, o investíamos na compra de livros e melhorias no nosso quarto. Assim, conseguimos montar uma biblioteca com os livros mais modernos e a batizamos homenageando o nosso mestre mais dedicado aos livros: Biblioteca Professor Dr. José Luiz Bohrer Pitrez. Exemplares com o carimbo dessa biblioteca ainda se encontram em alguns cantos do HCPA, para não dizerem que é mentira.

por mostrar como se faz para ser o melhor professor, sem deixar de lado a habilidade clínica e ainda fazer pesquisa de alto nível; Mauro Silva de Athaide Bohrer, pelo exemplo de integridade e pelo jeito amigo de mostrar como se comporta um grande clínico; Boaventura Antonio dos Santos, pelo exemplo de compenetração e estudo, além de ser o pediatra que todos queriam ter. E – é claro – a nossa incansável Hebe Tourinho, por tudo que eu já escrevi antes, mas sobretudo por me ter aberto as portas para a docência universitária.

Concluí a residência em dezembro de 1977 [Doc 3](#) e no mesmo mês fui aprovado no exame para obtenção do Título de Especialista em Pediatria, conferido pela Sociedade Brasileira de Pediatria [Doc 27](#), entidade científica associativa nacional na qual eu acabara de ser admitido como membro efetivo [Doc 28](#).

O ano de 1978 trouxe três marcos que definiram o rumo da minha trajetória de vida: concretizar a condição de professor, engatar a prática clínica privada e tornar-me pai.

Havia algum tempo, eu já dava aulas no Ambulatório 6, assessorando a professora Hebe. Logo, foi muito natural que eu permanecesse na Santa Casa de Misericórdia, como instrutor voluntário, com atribuições docentes junto aos alunos de graduação e médicos residentes. Assim, comecei o ano de 1978 nomeado pelo Diretor Geral das Clínicas Hospitalares daquela instituição, Dr. Antonio Milhem, médico assistente voluntário do Ambulatório 6 [Doc 29](#). Na prática, eu já saí da residência atuando como uma espécie de professor auxiliar do Departamento de Pediatria.

Minha capacitação docente recebeu nessa época um impulso adicional. Seis meses antes de concluir a residência, eu havia sido nomeado médico pediatra do Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV), então um hospital próprio do INAMPS, mediante a aprovação em concurso público. A fim de não causar conflito com as atividades de médico residente, entrei num acordo com o nosso preceptor-chefe, professor Ari Carlos Fleck, comprometendo-me a fazer exclusivamente plantões nos fins-de-semana. Ao concluir a residência, livrando-me desse compromisso de trabalhar exclusivamente fora do horário comercial, fui convidado a assumir a preceptoria dos médicos residentes no ambulatório de pediatria geral do HMIPV. Desse modo, à base de muito estudo, eu começava a me firmar como professor clínico.

Por outro lado, o professor Nilo Galvão, então chefe do Departamento, convidou-me a integrar o seu grupo de clínica privada, na Clínica de Atendimento Pediátrico (CAP), juntamente com três outros colegas recém-egressos da residência: Eliana de

Andrade Trotta, Paulo Roberto Antonacci Carvalho e Vulpius Ferrari Horta³⁶. Na CAP eu viria a desenvolver uma profícua trajetória de 36 anos de prática pediátrica de consultório (incluindo atendimentos pré-natais, sala de parto, alojamento conjunto e seguimento clínico ambulatorial além da adolescência).

A entrada desse contingente de jovens pediatras na CAP injetou sangue novo na equipe, com pelo menos duas repercussões sensíveis no âmbito acadêmico. A primeira foi a reorganização do sistema de registros médicos – em parte baseada na nossa experiência com o Modelo de Weed do HCPA –, com a adoção da lista de problemas e um novo sistema de anotação dos dados de acompanhamento longitudinal de puericultura, inspirado nas recomendações da American Academy of Pediatrics. A segunda foi a introdução de discussões em grupo sobre tópicos selecionados, que resultou em duas publicações: uma sobre infecções próprias da infância [Doc 30](#) e outra sobre o papel do pediatra na prevenção de acidentes [Doc 31](#). Esta última, que teve repercussão moderada entre os pediatras locais, tem a distinção especial de ter sido a primeira publicação capitaneada por mim na área da segurança infantil e se tornaria o marco inicial de um extenso envolvimento acadêmico com esse campo de estudo e ações preventivas, com repercussões além do nosso meio, no âmbito nacional e internacional³⁷.

Voltando à minha atuação docente no Departamento de Pediatria, cabe registrar a minha contratação como professor colaborador, em agosto de 1978 [Doc 32](#). Num processo de transferência total de atividades para o HCPA, o Departamento lotou nesse hospital quase todos os seus professores, para se dedicarem à preparação das áreas de internação e, assim, seu colegiado indicou à UFRGS a contratação formal dos colaboradores que já atuavam na Santa Casa de Misericórdia, de modo que pudessem assumir oficialmente a responsabilidade pelos alunos que por algum tempo ainda passariam por aquela instituição. Fui destacado para ser docente no berçário da Maternidade Mario Totta, passando dessa forma a ser neonatologista e professor da UFRGS.

Nesse mesmo mês de agosto, nasceram prematuramente meus dois filhos gêmeos Gustavo e Márcio! Embora não seja um fato propriamente acadêmico, merece todo

³⁶ A CAP reunia um grupo de pediatras com bom potencial para iniciativas acadêmicas, já que nele havia vários professores do Departamento de Pediatria: além do próprio Nilo Galvão, Ari Carlos Fleck, Boaventura Antonio dos Santos, Ernani Miura, José Fernando Horn e Humberto Antonio de Campos Rosa.

³⁷ Para aquilarar os frutos que acabaram sendo gerados por esse marco inicial, ver as cartas de recomendação das páginas 21 a 27 deste memorial, todas escritas neste ano de 2017 por eminentes colegas do chamado campo da injúria, além da [carta de recomendação](#) do Dr. Carlos Augusto Mello da Silva, presidente do Departamento Científico de Toxicologia da Sociedade Brasileira de Pediatria.

destaque no memorial, já que é certamente o evento mais significativo da minha vida, pois – do ponto de vista de perpetuação – trata-se de produção com fator de impacto bem maior do que qualquer tipo de publicação. Por outro lado, além do amadurecimento compulsório que a condição de ser pai impôs, adquiri a prática que, segundo reza a lenda, é essencial para ser um bom pediatra e – por consequência – professor de pediatria. Assim, preparado para os anos oitenta³⁸.

Produção acadêmica na década

- Artigos em periódicos

1. Blank D, Meinhardt LMM, Carvalho PRA. Desnutrição proteico-calórica infantil. Revista Científica CASL. 1976;37:37-69. [Doc 22](#)
2. Blank D, Meinhardt LMM, Carvalho PRA. Imunização na infância. Revista Científica CASL. 1976;37:70-82. [Doc 23](#)
3. Fleck AC, Blank D, Rosa HAC. Infecções próprias da infância. Revista Científica CASL. 1979;40:96-107. [Doc 30](#)
4. Blank D, Rosa HAC, Santos BA, Trotta EA, Fleck AC, Horta VF et al. Prevenção de acidentes na infância. O papel do pediatra. Rev AMRIGS. 1980;24:308-310. [Doc 31](#)

- Resumos publicados em anais de congressos

1. Silveira TR, Blank D. Estudo comparativo entre microflora duodenal aerobia e coprocultura na diarreia do lactente. XX Congresso Brasileiro de Pediatria; 1977; Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Anais do XX Congresso Brasileiro de Pediatria; 1977. [Doc 33](#)

- Conferências e mesas redondas

1. Blank D. Septicemia Neonatal. 1º Encontro de Atualização em Neonatologia; 1980. [Doc 34](#)

³⁸ Esta seção do memorial dedicada aos anos setenta é a primeira que começa a apresentar a minha produção acadêmica. Daqui para a frente, ao final de cada seção relacionarei com detalhes essa produção, na seguinte ordem: livros, capítulos de livros, artigos em periódicos, trabalhos publicados em anais de congressos, conferências (e participações em mesas redondas) e organização de congressos, cursos e eventos acadêmicos. Ao lado de cada item listado, a pequena caixa de texto preta com letras amarelas (cinzas na versão impressa), com o número de ordem do documento na relação colocada no final do memorial e – o mais importante – o link ativo para o texto completo, no caso de artigos e capítulos, ou para documentos audiovisuais (certificados não terão link ativo).

● **Organização de congressos, cursos e eventos**

1. Curso Intensivo de Neoplasias na Infância. Ministério da Saúde, Programa Nacional de Controle do Câncer. Porto Alegre: MS; 1975 **Doc 24**.

Anos 80: Pediatria, ensino e injuriologia

A década de oitenta viu a consolidação da minha condição de “pediatra-professor”³⁹, mas tão marcante quanto isso foi o meu envolvimento com o campo acadêmico e da saúde pública que eu chamo de injuriologia⁴⁰, no qual, como atestam as cartas de recomendação estampadas lá atrás, eu acabaria conquistando reconhecimento geral.

A partir da repercussão causada pelo citado artigo sobre o papel do pediatra na promoção da segurança **Doc 31**, fui convidado a organizar, junto com o colega Carlos Augusto Mello da Silva, o Comitê de Acidentes da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul (SPRS), no qual atuei como secretário **Doc 35**. As atividades nesse comitê propiciaram um bom canal de comunicação com a comunidade, abrindo espaço para um sem número de palestras em escolas, organizações governamentais, comissões internas de prevenção de acidentes e instituições da indústria. Da perspectiva universitária, tratava-se de legítima ação de extensão.

Mas no âmbito acadêmico, a nossa primeira realização mais significativa foi trazer para Porto Alegre o encontro anual do Comitê de Acidentes na Infância da Sociedade Brasileira de Pediatria – inserido na programação da I Jornada Gaúcha de Acidentes na Infância –, que aproximou dos pediatras gaúchos grandes nomes nacionais dessa área de atuação, como Orlando Orlandi, Samuel Schwartsman, Yvon Toledo Rodrigues, Wilson Maciel e José Américo de Campos **Doc 36**.

Além disso, a boa receptividade ao trabalho do comitê junto à própria comunidade associativa da SPRS propiciou um aumento considerável de convites para palestras e participações em simpósios – conforme se vê na relação no fim desta seção –, dentre os quais os mais relevantes foram os dois eventos internacionais: as “IX Jornadas Gauchas de Pediatria” **Doc 37** e o “Fórum Internacional sobre Segurança no

³⁹ Não tenho dúvida de que definir-me como “pediatra-professor” se justifica, já que – se por um lado eu me tornei de fato um médico de crianças e jovens, com todas as competências e responsabilidades que isso exige –, o viés da condição de professor sempre se impôs nas minhas atitudes, a ponto de enfim tornar-se protagonista.

⁴⁰ Vale a pena frisar que a inclusão do vocábulo injuriologia no título de uma das seções do memorial não só acentua a importância do campo acadêmico respectivo na minha história, mas mais uma vez a minha cisma de utilizar o termo vernáculo justo para cada conceito. Neste caso, assim como já expliquei na nota de rodapé número 12, trata-se do que os pediatras chamavam de “prevenção de acidentes” e que os anglófonos agregam sob a rubrica “*injury field*”. Para mais explicações, já recomendei a [página 42 da introdução da minha tese de doutorado](#) e meu [comentário](#) publicado na revista Injury Prevention.

Trânsito” **Doc 38**.

O ponto alto das nossas realizações foi o I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância, do qual fui secretário geral, realizado em Porto Alegre, em outubro de 1988 **Doc 39**. Esse evento foi planejado pelo Accident-Injury Prevention World Programme, da Organização Mundial da Saúde, coordenado por Claude Romer, em cooperação com a Sociedade Brasileira de Pediatria, visando a reunir as principais lideranças latino-americanas para debaterem planos de promoção da segurança na região. O documento final do encontro, a “Carta de Porto Alegre”, foi um marco por ter sido precursor de movimentos que lutavam pela inclusão da promoção da segurança entre as ações básicas de saúde da criança (juntamente com o aleitamento materno, a monitoração do crescimento, as imunizações e a atenção às infecções respiratórias e diarreicas) **Doc 40**. Dentre os signatários da carta, além do colega Carlos Augusto Mello da Silva e eu, os organizadores do congresso, constavam Leif Svanström, do Instituto Karolinska, e Elias Anzola Perez, da PAHO/Washington, que se tornaram grandes aliados do nosso trabalho em prol da segurança infantil no Brasil⁴¹.

A propósito, também fui signatário de um outro documento similar, a Carta de Belo Horizonte, lançada no 26º Congresso Brasileiro de Pediatria, no ano seguinte, traduzindo para o âmbito nacional a mesma luta pela inclusão de um plano de promoção da segurança e prevenção de acidentes entre as ações básicas de assistência integral à saúde **Doc 41**.

Enquanto isso – voltando ao “pediatra-professor” –, na esfera do Departamento de Pediatria, processava-se a transferência definitiva das atividades da Santa Casa de Misericórdia para o HCPA, com a realocação de todos os professores. Assim, encerrei a minha curta carreira acadêmica de neonatologista e assumi o posto de preceptor dos médicos residentes no Ambulatório de Pediatria, na Zona 4 do HCPA, em março de 1982 **Doc 8**, onde permaneço até hoje⁴².

⁴¹ Durante muitos anos, o Comitê de Acidentes da SPRS trabalhou para que Porto Alegre recebesse o título de [comunidade segura](#), passando a integrar o movimento global criado por Leif Svanström, a partir do exemplo inicial da cidade de Falköping, na Suécia. Leif, que ficaria muito ligado à nossa cidade, participou do I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância por acaso – substituindo o francês Claude Romer coordenador do Accident-Injury Prevention World Programme da OMS, que teve um impedimento de última hora –, e tornou-se um grande incentivador do nosso trabalho.

⁴² É oportuno ressaltar que atuo no programa de preceptoria da residência em pediatria do HCPA há 35 anos, tendo contato semanal com cada um dos médicos residentes em formação. Isso significa que, considerando que o Serviço de Pediatria do HCPA sempre admitiu uma turma nova de treze médicos residentes por ano, contribuí diretamente para a formação de 455 pediatras. Se incluirmos nesse cálculo os cerca de 350 pediatras que ajudei a formar no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas,

Falar na minha atuação docente no campo da pediatria ambulatorial – que dominaria minha atenção desde então –, e mais precisamente na Zona 4 do HCPA, é falar da parceria com o professor Gilberto Elmar Eckert. Assumíramos juntos a preceptoria no berçário da Maternidade Mario Totta, no referido processo transitório de retirada do Departamento, de onde migramos – também juntos – para o ambulatório do HCPA. Ali introduzimos um modo de preceptoria assistencial de médicos residentes e alunos de graduação apoiado em evidências científicas consistentes, que consistia em buscar artigos publicados em periódicos – predominantemente de revisão –, discutir em grupo a aplicação dos conhecimentos ou diretrizes na prática diária e sistematizar condutas⁴³. Disso resultou a criação de um sistema de registro de procedimentos de acompanhamento de saúde, que foi implantado no prontuário do HCPA e, mais tarde descrito em publicações locais **Doc 42** e até em livro **Doc 43**⁴⁴.

O fruto mais significativo da nossa parceria foi a publicação do livro “Pediatria Ambulatorial: Elementos Básicos e Promoção da Saúde”, pela Editora da UFRGS, em 1990 **Doc 45**; que faria muito sucesso entre os estudantes e teria uma segunda edição na década seguinte **Doc 46**. Trata-se de marco importante na minha trajetória acadêmica, por ter sido o meu primeiro trabalho como editor de livro completo.

Na mesma época, ocorreu outro desdobramento bem relevante desse meu trabalho no campo da puericultura, que foi o convite para escrever um capítulo na obra “Medicina Ambulatorial: Condutas Clínicas em Atenção Primária”, editado por Bruce Duncan, Maria Inês Schmidt e Elsa Giugliani. Esta sim, uma produção de

entre 1980 e 2012, pode-se dizer que foi uma considerável contribuição em termos de recursos humanos para a pediatria brasileira.

⁴³ O Gilberto Eckert sempre foi extremamente competente na seleção crítica das fontes de conhecimento, mas os recursos e a curiosidade praticamente inesgotáveis. Mais adiante, com o advento da internet, teríamos que arcar com o efeito colateral de termos pilhas e pilhas de cópias xerográficas de artigos, muitos dos quais distribuímos aos médicos residentes e alunos de graduação, como incentivo à competência para ler textos em inglês e, quando possível, sair em busca ativa das informações. Eckert se aposentou compulsoriamente em dezembro de 2014, deixando uma lacuna difícil de preencher no corpo docente do Departamento de Pediatria.

⁴⁴ O livro em questão é “Prática de Consultório Pediátrico”, dos nossos colegas de Departamento José Luiz Bohrer Pitrez e Humberto Antonio Campos Rosa, publicado em 1983. Essa obra merece registro especial porque, embora tenha reproduzido, sem crédito nominal, a nossa folha de registro de procedimentos do acompanhamento da criança saudável, que introduzíramos no prontuário do HCPA, incluindo nosso roteiro de aconselhamento antecipatório, nela consta o capítulo sobre vômitos, de minha autoria, que foi a minha estreia como autor de capítulos de livro **Doc 44**. Esse foi o primeiro de uma série de sessenta e seis capítulos de livro, cuja produção se estende até o presente, contando seis que estão no prelo para publicação no início de 2018.

sucesso editorial retumbante no âmbito nacional, já está na sua quarta edição, numa trajetória de mais de vinte anos. O meu capítulo, “Condutas clínicas na promoção da saúde: de 0 a 12 anos” [Doc 47](#), com boa repercussão e citações, seria o marco inicial de várias outras publicações com a mesma temática, incluindo o artigo “A puericultura hoje: um enfoque apoiado em evidências”, no Jornal de Pediatria de maio de 2003, que é até hoje meu artigo mais citado [Doc 48](#).

Por outro lado, no trabalho do dia a dia da prática de ensino no Departamento de Pediatria, fui me envolvendo progressivamente com atividades administrativas, como o gerenciamento do programa de monitoria [Doc 49](#), função na qual atuei por muitos anos, e participação em comissões, como a que teve a atribuição de promover o aprimoramento curricular [Doc 50](#). Dentre tais atividades no período, uma que se destacou, em virtude de ter sido uma indicação do Conselho da Faculdade de Medicina, foi a participação no projeto de educação para o trânsito, parceria com a Faculdade de Educação, que viria a ser conhecido como Edutran [Doc 51](#).

Um destaque adicional sobre meus trabalhos em comissões, é o cargo eletivo na Comissão de Ética Médica do Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas [Doc 52](#), tendo sido o segundo mais votado, o que atesta o reconhecimento dos meus pares numa instituição não ligada à UFRGS, mas ainda assim um hospital-escola de grande prestígio, no qual eu desempenhava atividades de ensino inclusive com alunos de graduação de outras faculdades [Doc 53](#).

Paralelamente à atividade acadêmica, ao longo da década de oitenta, firmou-se a minha atuação na Clínica de Atendimento Pediátrico, que me proporcionou um considerável reconhecimento na comunidade. Isso conta na construção da minha carreira docente, porque é evidente que um professor de pediatria clínica só desenvolve um trabalho consistente e completo se tiver experiência de prática de consultório, o que eu tive de sobra e com muita intensidade. Aliás, a grande dedicação à prática clínica – até certo ponto associada ao igualmente grande trabalho de criação dos filhos pequenos⁴⁵ – teve um efeito desacelerador na minha produção de textos, que só viria a tomar impulso nos anos noventa.

⁴⁵ Nunca é demais ressaltar que, de acordo com o senso comum, tanto ter clínica pediátrica privada quanto criar filhos agregam conhecimentos e, sobretudo, habilidades às competências docentes de um “pediatra-professor”.

Produção acadêmica na década

• Livros

- Blank D, Eckert GF. Pediatria ambulatorial: elementos básicos e promoção da saúde. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS; 1990. [Doc 45](#)

• Capítulos de livros

- Blank D. Vômitos. In: Pitrez JLB, Rosa HAC, org. Prática de Consultório Pediátrico. Porto Alegre: Medsi; 1983. p. 94-103. [Doc 44](#)
- Blank D. Vômitos. In: Pitrez JLB, Rosa HAC, org. Prática de Consultório Pediátrico. 2ed. Porto Alegre: Medsi; 1988. p. 119-126. [Doc 54](#)
- Blank D. Condutas clínicas na promoção da saúde de crianças e adolescentes. In: Duncan B, Schmidt MI, Giugliani ERJ, organizadores. Medicina Ambulatorial Condutas Clínicas em Atenção Primária. Porto Alegre: Artes Médicas; 1990. p. 55-60. [Doc 47](#)

• Artigos em periódicos

- Blank D, Ceccin SSK, Seabra SAK. Acompanhamento da criança normal. Rev HCPA. 1983;1:99-109. [Doc 42](#)

• Conferências e mesas redondas

- Blank D. Manifestações Dermatológicas em Doenças Sistêmicas. In: I Simpósio de Pediatria Ambulatorial do Rio Grande do Sul e V Encontro dos Ex-Residentes do Hospital da Criança Santo Antônio. Hospital da Criança Santo Antônio. Porto Alegre: Hospital da Criança Santo Antônio; 1984. [Doc 55](#)
- Blank D. Acidentes no Trânsito, Esporte e Lazer. I Jornada Gaúcha de Acidentes na Infância; 1984. [Doc 56](#)
- Blank D. Puericultura - Orientação Atual: Acidentes na Infância. In: II Simpósio de Pediatria Ambulatorial do Rio Grande do Sul e VI Encontro dos Ex-Residentes do Hospital da Criança Santo Antônio. Hospital da Criança Santo Antônio. Porto Alegre: Hospital da Criança Santo Antônio; 1985. [Doc 57](#)
- Blank D. Acidentes no Trânsito. In: IX Jornadas Gaúchas de Pediatria. Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul. Canela: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1985. [Doc 37](#)
- Blank D. Prevenção de Acidentes do Trabalho. In: Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho - SPAT-85. Departamento Estadual de Portos, Rios e

- Canais do RS. Porto Alegre: Administração de Vias Fluviais; 1985. **Doc 58**
6. Blank D. Acidentes na infância. In: 1ª Jornada de Pediatria de Uruguaiana. Sociedade de Pediatria de Uruguaiana. Uruguaiana: Sociedade de Pediatria de Uruguaiana; 1986. **Doc 59**
 7. Blank D. Acidentes mais comuns na infância. In: VII Jornada de Pediatria. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Hospital São Lucas da PUCRS; 1986. **Doc 60**
 8. Blank D. O papel do pediatra na prevenção de injúrias físicas não intencionais - Aconselhamento antecipado ambulatorial na área de segurança. In: I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância. Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul; 1988. **Doc 61**
 9. Blank D. Transporte Escolar e Veículos Recreativos. In: I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância, II Congresso Brasileiro de Acidentes na Infância e II Jornada Gaúcha de Acidentes na Infância. Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1988. **Doc 39**
 10. Blank D. Progressos em imunização. In: II Encontro de Residentes e Ex-Residentes de Pediatria do HMIPV. Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, Hospital Materno Infantil Presidente Vargas e Centro de Aperfeiçoamento. Porto Alegre: Hospital Materno Infantil Presidente Vargas; 1988. **Doc 62**
 11. Blank D. Abordagem Sistêmica da Dinâmica na Segurança do Trânsito. In: I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância, II Congresso Brasileiro de Acidentes na Infância e II Jornada Gaúcha de Acidentes na Infância. Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1988. **Doc 63**
 12. Blank D. Violências e acidentes na adolescência - Alto risco. In: III Congresso Brasileiro de Adolescência. Porto Alegre; 1989. **Doc 64**
 13. Blank D. Comissão Interna de Prevenção de Acidentes nas Escolas. In: XXVI Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1989. **Doc 65**
 14. Blank D. Acidentes por Trânsito/Segurança no Trânsito. In: XXVI Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1989. **Doc 66**
 15. Blank D. Plano de Ação na Prevenção de Acidentes e Intoxicações e Ações Básicas de Saúde. In: XXVI Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1989. **Doc 67**
 16. Blank D. Acidente na Infância. In: II Encontro Multidisciplinar em Pediatria e IX Ciclo de Palestras de Enfermagem em Pediatria. Hospital de Clínicas de Porto

- Alegre. Porto Alegre: Hospital de Clínicas de Porto Alegre; 1989. **Doc 68**
17. Blank D. Imunização em pediatria. In: IX Congresso da Associação Médica do Rio Grande do Sul. Associação Médica do Rio Grande do Sul/AMRIGS. Porto Alegre: AMRIGS; 1989. **Doc 69**
 18. Blank D. Prevenção de Acidentes na Infância. In: I Jornada de Atualização Terapêutica em Pediatria. AMRIGS, Departamento de Pediatria da FAMED UPF, Hospital São Vicente de Paulo. Passo Fundo: Departamento de Pediatria da AMRIGS; 1989. **Doc 70**
 19. Blank D. Condutas em Infecção Respiratória Aguda. III Congresso Brasileiro de Pneumologia Pediátrica e III Jornada Brasileira de Fibrose Cística; 1989. **Doc 71**
 20. Blank D. Temas Selecionados de Gastroenterologia Pediátrica. III Jornada de Estudos do Serviço de Pediatria do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas; 1990. **Doc 72**
 21. Blank D. Acidentes na Infância: A proposta do Comitê. In: 1º Encontro Sul-Riograndense de Pediatria Comunitária. Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul e Associação Médica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: AMRIGS; 1990. **Doc 73**

● Resumos publicados em anais de congressos

1. Silva C, Blank D. Acidentes na infância: Levantamento de ocorrências na zona rural de Porto Alegre, RS. XXV Congresso Brasileiro de Pediatria; 1987. São Paulo: Anais do XXV Congresso Brasileiro de Pediatria; 1987. **Doc 74**
2. Blank D. Injúrias físicas não intencionais em menores de vinte anos: Estudo prospectivo dos atendimentos no Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre. I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância, 1988, Porto Alegre. Anais do I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância; 1988. **Doc 75**
3. Blank D. Injúrias físicas não intencionais em menores de vinte anos: análise dos casos atendidos no Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre. I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância, 1988, Porto Alegre. Anais do I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância; 1988. **Doc 76**
4. Blank D. Unintentional injuries in children and adolescents coming to an emergency hospital in a large urban center. First World Conference on Accident and Injury Prevention; 1989; Stockholm. First World Conference on Accident and Injury Prevention. Stockholm: Karolina Institute; 1989. **Doc 77**
5. Zamo C, Tourinho H, Horta VF, Pitrez JLB, Blank D, Martins M. Projeto Educação para a Saúde da Escola Pública. VII Seminário de Extensão Universitária da Região Sul; 1989. Maringá: Anais do VII Seminário de Extensão Universitária da Região Sul; 1989. **Doc 78**

● **Organização de congressos, cursos e eventos**

1. Blank D. Tópicos em Urgências Pediátricas. 1981. **Doc 79**
2. Silva CAM; Blank D. I Jornada Gaúcha de Acidentes na Infância; 1984. **Doc 36**
3. Silva CAM; Blank D. I Congresso Latino-Americano de Acidentes na Infância. 1988. **Doc 39**

Anos 90: SBP e jornalologia

Se na década de oitenta solidifiquei meus atributos de pediatra-professor, isso se deu num âmbito regional. Os anos que se seguiriam, mais fervilhantes, trariam as marcas do reconhecimento de liderança nacional – com alguns voos no estrangeiro – e um certo furor editorial, na medida em que aumentou expressivamente o meu envolvimento com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), com destaque para a função de editor executivo do Jornal de Pediatria, e, ao mesmo tempo, cresceu muito também a minha produção bibliográfica.

Em outubro de 1991, nós pediatras gaúchos trouxemos pela primeira vez a Porto Alegre o Congresso Brasileiro de Pediatria, um macroevento que exigiu um malabarismo estratégico para distribuirmos as atividades entre o câmpus central da UFRGS e o centro de eventos do Hotel Plaza São Rafael [Doc 80](#). Atuei como diretor da comissão de redação – trabalho que incluiu a criação de fôlder com diferentes caracterizações para o Gauchito, logomarca da SPRS, além de textos inspirados [Doc 81](#) – e como editor do Jornal Resumindo [Doc 82](#), o órgão oficial da programação do congresso⁴⁶. Além disso, ainda arranjei tempo para participar de três mesas redondas e apresentar dois temas-livres.

No ano seguinte, a presidência da SBP foi assumida pelo colega gaúcho Pedro Celiny Ramos Garcia, com quem eu trabalhara tão diligentemente na organização do Congresso Brasileiro. Indicou-me então para três funções simultâneas e de muita responsabilidade: presidir o Comitê de Acidentes [Doc 83](#), ser editor do Boletim Informativo [Doc 84](#) e integrar o Comitê Editorial dos Manuais da SBP [Doc 85](#). As duas últimas abririam espaços importantes para a minha trajetória editorial, mas foi com o Comitê de Acidentes, órgão eminentemente científico e com grande interface comunitária, que obtive mais sucessos com iniciativas de alcance mais amplo.

Dentre as muitas realizações do Comitê de Acidentes, três memoráveis foram o movimento pela inclusão das medidas de proteção específica de crianças em idades diferentes no novo Código Brasileiro de Trânsito, ainda em gestação [Doc 86](#); a produção de uma série de fôlder sobre educação para a segurança, em parceria

⁴⁶ O jornal Resumindo merece uma nota especial pois envolveu um trabalho de equipe fabuloso. Reuni um grupo de pediatras que se dispuseram a elaborar em tempo real resumos das principais conferências do congresso, que organizávamos em edições diárias, impressas durante a noite e distribuídas aos congressistas no início das atividades do dia seguinte. Numa dessas manhãs, uma das conferencistas convidadas, a toxicologista francesa Chantal Bismuth, impressionada com aquele *tour de force*, indagou se eu tivera treinamento em jornalismo; mal imaginando que prognosticava a minha carreira paralela nas lidas editoriais e na jornalologia, que cresceria dali em diante.

com o renomado artista gráfico Ziraldo Alves Pinto [Doc 87](#); e a organização à distância do 1º Fórum Nacional de Controle de Acidentes e Violências na Infância e Adolescência [Doc 88](#), que chegou a bom termo numa São Paulo inundada por uma chuva torrencial.

Em 1993, participei, juntamente com os colegas Carlos Augusto Mello da Silva e João Luiz de Mello, da Second World Conference on Injury Control, em Atlanta, EUA, na qual apresentamos o vídeo “Proteção, um ato de amor: Controle de acidentes na infância”, produzido com o apoio do UNICEF [Doc 89](#). Aproveitando o evento, fizemos o curso “Injury Epidemiology for Injury Control Practitioners”, na Emory University [Doc 90](#), ministrado pelos dois maiores epidemiologistas do campo da injúria, [Leon Robertson](#) e [Jesse Krauss](#).

No mesmo ano, coordenei a edição do Manual de Acidentes e Intoxicações na Infância e Adolescência, reunindo capítulos de autoria de todos os membros do Comitê de Acidentes da SBP [Doc 91](#), que viria a ser um texto muito valorizado pelos pediatras em geral, além de bastante citado como referência no tema da participação do pediatra na promoção da segurança.

Enquanto isso, à parte das atividades no campo da injuriologia, um trabalho de fôlego foi o Boletim Informativo da SBP [Doc 84](#). Numa era pré-internet, as informações sobre as realizações da sociedade, divulgação de eventos, notícias de interesse dos sócios e da diretoria, além de artigos sobre temas relacionados à saúde infantil, diretrizes para a prática pediátrica e políticas de saúde nacionais, eram veiculadas por esse instrumento impresso, enviado pelo correio todos os meses. O boletim era produzido, impresso e distribuído a partir de Porto Alegre, num trabalho artesanal feito praticamente por mim sozinho, já que eu contava com a colaboração de apenas dois colegas e o valoroso apoio técnico da empresa [Arte e Composição](#), do jornalista Marcos Matte, tradicional colaborador da SPRS.

Minha experiência, digamos, jornalística levou o colega Paulo Roberto Antonacci Carvalho – meu antigo parceiro desde os tempos de monitoria –, ao assumir a presidência da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul, em 1994, a convidar-me para ser o Diretor de Divulgação [Doc 92](#), para coordenar o Boletim Informativo da SPRS, para o qual montei uma equipe um pouco maior e repeti o molde da publicação nacional, contando sempre com o trabalho da Arte e Composição [Doc 93](#).

Nesse mesmo ano, a presidência da SBP foi assumida pelo paulista Mário Santoro, que indicou para o cargo de editor da revista científica oficial da entidade, o Jornal de Pediatria, nosso colega do Departamento de Pediatria Jefferson Pedro Piva. Na época, o Jornal de Pediatria já vinha sendo publicado ininterruptamente havia sessenta anos, mas o padrão editorial era deficiente, muito aquém do nível exigido para um periódico biomédico de prestígio. Jefferson se propôs fazer do Jornal de

Pediatria uma revista de padrão internacional, indexada nas melhores bases bibliográficas, como a MEDLINE, e para tanto reuniu um conselho editorial todo gaúcho, que pudesse trabalhar de modo concertado e aplicado⁴⁷. Integrei esse conselho desde então; tendo no ano seguinte assumido a função de editor executivo e, a partir de 2002, a de editor associado⁴⁸.

Na seção de pressupostos deste memorial, aludi à crítica (injusta) que me fez o colega Humberto Rosa, chefe do Departamento de Pediatria nos anos noventa, por eu “dar o meu sangue à SBP, em detrimento do Departamento”. Se é verdade que a minha atuação na SBP era grande, meu dia a dia de professor era bem produtivo. Além de manter a rotina diária de atenção aos médicos residentes e alunos de graduação no ambulatório do HCPA, assumi, a partir de 1993, a regência da disciplina Promoção e Proteção da Saúde da Criança e do Adolescente **Doc 94**, função à qual eu me dedicaria intensamente ao longo de mais de quinze anos⁴⁹.

Em tempo, vale comentar que nesse período dos primeiros anos noventa a formação pós-graduada formal se firmava a olhos vistos, mas lentamente, no âmbito da Faculdade de Medicina. O Programa de Pós-Graduação em Pediatria – hoje, Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente –, ligado ao Departamento de Pediatria, que começou a funcionar em 1989, teve sua primeira dissertação de mestrado defendida em 1992⁵⁰ e a primeira tese de doutorado

⁴⁷ A constituição do primeiro conselho editorial do Jornal de Pediatria nessa nova fase não respeitava quaisquer critérios além da proximidade acadêmica e a confiança do editor. Seus membros: Carlos Augusto Mello da Silva, Danilo Blank, Elsa Regina Justo Giugliani, Paulo Roberto Antonacci Carvalho, Pedro Celiny Ramos Garcia e Renato Soibelmann Procianoy. É interessante notar que, naquela época não tão distante no passado, possuir o título formal de doutor não era condição essencial para a respeitabilidade acadêmica. Dos sete membros do conselho, contando o editor-chefe, apenas dois (Elsa e Renato) eram doutores de papel passado. Isso viria a mudar radicalmente num futuro bem próximo.

⁴⁸ Vale a pena registrar que em 1995, no ano em que me tornei editor associado do Jornal de Pediatria, nascia no Hemisfério Norte a revista acadêmica na qual eu viria a atuar simultaneamente como editor associado por muitos anos: a Injury Prevention, criada por Ivan Barry Pless (ver carta de recomendação, na página 20 deste memorial) e colaboradores, para ser o periódico oficial da International Society for Child and Adolescent Injury Prevention. Como se tratava do meu foco primordial de atenção acadêmica, evidentemente me tornei um assinante de primeira hora.

⁴⁹ A disciplina PPS da Criança e do Adolescente sempre foi uma das minhas paixões e a minha relação com ela chegou a fazer com que muitos colegas passagem a chamá-la de “a disciplina do Danilo”. De fato, isso se deve à importância que atribuo ao ensino da chamada pediatria contextual, que vê a criança inserida no seu entorno (desde o nível familiar até as influências do macroambiente).

⁵⁰ Eliane de Andrade Trotta, com a dissertação “Síndrome do doente eutiroideo em crianças com sepse ou síndrome séptica”, orientada por Renato Soibelmann Procianoy.

defendida somente seis anos depois⁵¹. Desde o início, meus colegas que organizavam o programa me instavam a me pós-graduar oficialmente, já que – da mesma forma como já discuti antes acerca de validade de face e doutoralidade – achavam que eu levava jeito de doutor. Eu, contudo, como já havia atingido a posição máxima da carreira docente⁵² e estava muito ocupado com todas as atividades dentro e fora da UFRGS, não via essa mera titulação como prioridade. Até porque, a essas alturas, em vista do reconhecimento da minha atuação no campo da injuriologia, eu já era convidado a integrar bancas de defesa de mestrado **Doc 96**.

Em 1997, fui eleito chefe substituto do Departamento de Pediatria⁵³, na chapa encabeçado pela colega Eliana de Andrade Trotta **Doc 97**. Nossa atuação foi intensa, como costuma ser a direção de qualquer dos departamentos da Faculdade de Medicina, especialmente um do tamanho do nosso, que contava com mais de quarenta docentes. Uma das nossas primeiras providências foi começar a publicação de um boletim informativo, que, além de divulgar o que acontecia no Departamento, entre decisões do Colegiado, realizações dos professores e notas de interesse diverso, se propunha resgatar um pouco da sua história, por meio de entrevistas com os docentes mais antigos **Doc 98**.

Uma nota incidental desse período, relativa à minha prática de consultório, mas que tem relevância acadêmica. Como eu sempre defendi a ideia de que o pediatra não tem limite de idade superior para sua atuação clínica, em vista de sua íntima ligação com a criança ao longo de todo o seu desenvolvimento, desde o pré-natal até a idade adulta⁵⁴, logo uma parcela significativa do meu tempo de consultório passou a ser dedicada aos adolescentes. Isso me levou a obter o título de especialista com área de atuação em adolescência **Doc 99**, o que me abriria espaço para participação em muitas atividades e publicações nessa área.

Voltando à gestão Eliana/Danilo no Departamento de Pediatria, uma de nossas realizações importantes foi a publicação de um manual prático que tentava

⁵¹ Ernani Miura, com a tese “Uso do fator estimulador de colônias de granulócitos humanos -rhG-CSF- no tratamento da sepse neonatal precoce em recém-nascidos prematuros: um estudo duplo-cego, randomizado e controlado por placebo”, orientada por Renato Procianoy.

⁵² Naquele período, não havia concursos para professor titular, pois as vagas eram restritas, e eu já havia sido promovido a professor adjunto IV em 1995 **Doc 95**.

⁵³ Então denominado Departamento de Pediatria e Puericultura; o nome de Departamento de Pediatria só viria a ser instituído em 2012.

⁵⁴ Essa tese, há muito defendida por mim, acaba de ser ratificada como política oficial pela American Academy of Pediatrics: Hardin AP, Hackell JM, Committee on Practice and Ambulatory Medicine. Age limit of pediatrics. Pediatrics Sep 2017, 140 (3) e20172151; DOI: [10.1542/peds.2017-2151](https://doi.org/10.1542/peds.2017-2151).

homogeneizar condutas de prática clínica para fins de ensino, que denominamos de Padrões do Departamento de Pediatria **Doc 100**.

Em 1999, Eliana e eu fomos reeleitos para uma nova gestão do Departamento de Pediatria **Doc 101**, o que nos levaria à década seguinte, bem atribulada (em todo o mundo, de um modo geral; para mim, muito intensa do ponto de vista acadêmico), na qual, entre idas e vindas eu finalmente encararia o doutoramento.

Produção acadêmica na década

- **Livros**

1. Blank D, editor. Manual de Acidentes e Intoxicações na Infância e Adolescência. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1994. **Doc 91**
2. Blank D, Eckert GE, eds. Pediatria ambulatorial. 2^a ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 1995. **Doc 46**
3. Trotta EA, Blank D. Padrões do Departamento de Pediatria. Porto Alegre, RS: UFRGS; 1999. **Doc 100**

- **Capítulos de livros**

1. Blank D. Conceitos básicos e aspectos preventivos gerais. In: Blank D, org. Manual de acidentes e intoxicações na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1994. p. 02-13. **Doc 102**
2. Blank D. Segurança no Trânsito. In: Blank D, org. Manual de acidentes e intoxicações na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1994. p. 32-38. **Doc 103**
3. Mello JL, Silva CAM, Blank D. Intervenção Comunitária na Prevenção de Acidentes. In: Blank D, org. Manual de acidentes e intoxicações na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1994. p. 25-30. **Doc 104**
4. Blank D. Prevenção de Agravos Físicos. In: Ramos BEO, Loch JA, organizadores. Manual de Saúde Escolar II. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1994. p.37-44. **Doc 105**
5. Blank D. Corpos estranhos: aspiração e ingestão. In: Pitrez JLB, Pitrez PMC, organizadores. Pediatria Consulta Rápida. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995. p. 112-113. **Doc 106**
6. Blank D. Controle de Acidentes na Infância e Adolescência - Conceitos Básicos e Aspectos Preventivos Gerais. In: Sociedade Brasileira de Pediatria, organizadora. VII Curso de Atualização em Pediatria - Pré-TEP. Porto Alegre: Sociedade de

- Pediatria do Rio Grande do Sul; 1995. p. 04-14. [Doc 107](#)
7. Blank D. Controle de Acidentes na Infância e Adolescência - Conceitos Básicos e Aspectos Preventivos Gerais. In: Sociedade Brasileira de Pediatria, organizadora. VIII Curso de Atualização em Pediatria - Pré-TEP. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1996. p. 03-10. [Doc 108](#)
8. Blank D. Condutas clínicas na promoção da saúde da criança e do adolescente. In: Duncan B, Schmidt MI, Giugliani ERJ, org. Medicina ambulatorial: condutas clínicas em atenção primária. 2^a ed. Porto Alegre: Artmed; 1996. p.79-86. [Doc 109](#)
9. Blank D. Promoção da segurança da criança e do adolescente. In: Duncan B, Schmidt MI, Giugliani ERJ, organizadores. Medicina ambulatorial: condutas clínicas em atenção primária. 2^a ed. Porto Alegre: Artmed; 1996. p.108-114. [Doc 110](#)
10. Blank D. Controle de injúrias físicas na infância e na adolescência - Conceitos básicos e aspectos preventivos gerais. In: Menezes HS, organizador. IX Curso de atualização em pediatria - Pré-TEP. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1997. p. 63-70. [Doc 111](#)
11. Blank D. Controle de injúrias físicas na infância e na adolescência - Conceitos básicos e aspectos preventivos gerais. In: Sociedade Brasileira de Pediatria, organizadora. X Curso de atualização em pediatria - Pré-TEP. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1998. p. 71-77. [Doc 112](#)
12. Blank D. Controle de acidentes e injúrias físicas na infância e adolescência. In: Costa COM, Souza RP, organizadores. Avaliação e cuidados primários da criança e do adolescente. Porto Alegre: Artmed; 1998. p. 235-242. [Doc 113](#)
13. Blank D. Corpos estranhos, acidentes por aspiração e ingestão. In: Pitrez JLB, Pitrez PMC, organizadores. Pediatria: consulta rápida. Porto Alegre: Artmed; 1998. p. 112-113. [Doc 114](#)
14. Blank D. Imunizações. In: Pitrez JLB, Pitrez PMC, organizadores. Pediatria: consulta rápida. Porto Alegre: Artmed; 1998. p. 270-271. [Doc 115](#)
15. Blank D. Promoção da segurança em crianças e jovens. In: Sociedade Brasileira de Pediatria, organizadora. XII Curso de atualização em pediatria - Pré-TEP. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2000. p. 79-84. [Doc 116](#)

● Artigos em periódicos

1. Broilo EP, Hunsche AA, Blank D. Injúrias não-intencionais em crianças: alguns aspectos epidemiológicos. Rev Med ATM. 1994;14:117-121. [Doc 117](#)
2. Blank D. O Jornal de Pediatria em nova fase: adequando nossa linguagem. Jornal de Pediatria. 1996;72(72):357-8. [Doc 118](#)
3. Blank D. Requisitos uniformes: Por que agora e aqui. Jornal de Pediatria. 1997;73(4):211-212. [Doc 119](#)
4. Blank D. Kids in the back seat: Brazil's strides in enforcing its new traffic law.

- Injury Prevention. 1999;5(1):77. [Doc 120](#)
5. Haines A, Heath I, Freire LMS, Piva JP, Blank D. Movimento global pela saúde e contra a pobreza: convocação a todos os pediatra e profissionais de saúde. Jornal de Pediatria. 2000;76(1):5-8. [Doc 121](#)

● Outras produções bibliográficas

1. Blank D. Menores ao volante: O Brasil mais uma vez na contramão. Rio de Janeiro: SBP; 1993. (Artigo científico em boletim científico). [Documento não disponível](#)
2. Blank D. Meditando sobre o embate entre saúde do adolescente e injúrias físicas. Porto Alegre: CENESPA; 1997. (Artigo científico em boletim científico). [Não disponível](#)
3. Blank D. Promoção da segurança do pedestre na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1999. (Documento científico). [Doc 122](#)

● Produção audiovisual

1. Consultor técnico, redação do roteiro, versão em inglês e participação no vídeo "Proteção, um ato de amor", produzido pelo Comitê de Segurança da Sociedade Brasileira de Pediatria, patrocinado pelo Unicef - Rio de Janeiro (1993). [Doc 89](#)

● Conferências e mesas redondas

1. Blank D. O trânsito e a criança. In: III Encontro de Ex-Residentes do Hospital da Criança Conceição e III Jornada Gaúcha de Prevenção de Acidentes na Infância. Grupo Hospitalar Conceição e Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Hospital da Criança Conceição; 1991. [Doc 123](#)
2. Blank D. Meio Ambiente e Segurança. In: XXVII Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1991. [Doc 124](#)
3. Blank D. O papel do pediatra. In: XXVII Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1991. [Doc 125](#)
4. Blank D. Saúde Escolar. In: Primeiro Ciclo de Palestras. Colégio Farroupilha. Porto Alegre: Colégio Farroupilha; 1991. [Doc 126](#)
5. Blank D. Descontaminação das Ingestões Tóxicas na Criança. In: XXVII Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1991. [Doc 127](#)
6. Blank D. Otite Média. In: I Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia

- Pediátrica da VI Jornada Gaúcha de Otorrinolaringologia Pediátrica e do I Congresso Porto-Alegrense de Fonoaudiologia em Pediatria. Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul, Sociedade Brasileira de Pediatria, Sociedade de Otorrinolaringologia do RS e Associação de Fonoaudiologia do RS. Porto Alegre: Associação de Fonoaudiologia do RS; 1992. [Doc 128](#)
7. Blank D. Principais Riscos nos Acidentes - Atuação do Pediatra. In: I Jornada de Atualização em Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1992. [Doc 129](#)
8. Blank D. Trauma na Infância: Aspectos Cirúrgicos, Clínicos e Prevenção. In: 1ª Jornada de Atualização e Urgências Médicas. Diretório Acadêmico de Medicina, Hospital Universitário de Pelotas e Unimed-Pelotas. Pelotas: Hospital Universitário de Pelotas; 1992. [Doc 130](#)
9. Blank D. Controle de acidentes e violências: abordagem atual. In: 1º Fórum Nacional de Controle de Acidentes e Violências na Infância e Adolescência. Sociedade Brasileira de Pediatria. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo; 1992. [Doc 131](#)
10. Blank D. Escola e a Prevenção de Acidentes. In: I Jornada Norte e Nordeste de Saúde da Criança e do Adolescente em Idade Escolar. Sociedade Brasileira de Pediatria e Sociedade Sergipana de Pediatria. Aracaju: Sociedade Sergipana de Pediatria; 1993. [Doc 132](#)
11. Blank D. Epidemiologia e Prevenção. In: 1ª Jornada Sul-Brasileira e 4ª Jornada Gaúcha de Acidentes na Infância. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 1993. [Doc 133](#)
12. Blank D. A criança e o adolescente no trânsito. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria e Sociedade Baiana de Pediatria. Salvador: Sociedade Baiana de Pediatria; 1993. [Doc 134](#)
13. Blank D. A comunidade e a prevenção de acidentes. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria e Sociedade Baiana de Pediatria. Salvador: Sociedade Baiana de Pediatria; 1993. [Doc 135](#)
14. Blank D. Prevenção de Acidentes na Infância. In: 13ª Semana Científica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Porto Alegre: Hospital de Clínicas de Porto Alegre; 1993. [Doc 136](#)
15. Blank D. Consultório. In: XII Encontro de Ex-Residentes do Hospital da Criança Santo Antônio. Hospital da Criança Santo Antônio. Porto Alegre: Hospital da Criança Santo Antônio; 1993. [Doc 137](#)
16. Blank D. Criança Acidentada. In: PED&NEO - Emergências e Cuidados Intensivos na Criança e no Recém-Nascido. Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1993. [Doc 138](#)
17. Blank D. Terapêutica Anti-Inflamatória em Pediatria: Uma Análise Crítica. In:

XXVIII Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria e Sociedade Baiana de Pediatria. Salvador: Sociedade Baiana de Pediatria; 1993.

Doc 139

18. Blank D. Curso Pré-Congresso Infecções de Vias Áreas Superiores – Otites. In: IX Congresso Brasileiro de Infectologia Pediátrica; 1994. **Doc 140**
19. Blank D. Tratamento da Otitis Média Secretora, Otitis Média Recorrente e Crônica. In: VII Jornada Gaúcha de Otorrinolaringologia Pediátrica e II Jornada Porto-Alegrense de Fonoaudiologia em Pediatria. Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1994. **Doc 141**
20. Blank D. Vacinação. In: Cursos Tópicos de Medicina - Módulo VI - Pediatria. Associação Médica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: AMRIGS; 1995. **Doc 142**
21. Blank D. O trânsito e a Criança: Cinto de Segurança. In: Serão de Pediatria. Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1995. **Doc 143**
22. Blank D. Prevenção de injúrias físicas e psicológicas. In: Congresso de Pediatria do CONESUL Sociedade Brasileira de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1996. **Doc 144**
23. Blank D. Acidentes na Infância. 1996. In: Curso de Atualização em Pediatria - Pré-TEP. Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 1996. **Doc 145**
24. Blank D. A violência sobre os jovens na rua e no trabalho. In: XXX Congresso Brasileiro de Pediatria - Simpósio Internacional de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria e Sociedade de Pediatria do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro de Convenções do Riocentro; 1997. **Doc 146**
25. Blank D. Biossegurança no Trânsito - Aspectos de Seguridade para a Criança e o Adolescente. In: 8º Congresso Mineiro de Pediatria. Sociedade Mineira de Pediatria. Belo Horizonte:1998. **Doc 147**
26. Blank D. Acidentes: o papel do hebitra. In: VII Congresso Brasileiro de Adolescência e II Congresso Brasileiro da ASBRA. Sociedade Brasileira de Pediatria. Gramado: Sociedade Brasileira de Pediatria; 1998. **Doc 148**
27. Blank D. A importância das ações pediátricas na prevenção de acidentes e violência. In: I Jornada Paranaense de Biossegurança na Infância e Adolescência. Sociedade Paranaense de Pediatria. Curitiba: Sociedade Paranaense de Pediatria; 1999. **Doc 149**
28. Blank D. A Orientação dos Especialistas do HMIPV. In: Jornada Pediátrica - Problemas Frequentes no Consultório. Hospital Materno Infantil Presidente Vargas. Porto Alegre: Hospital Materno Infantil Presidente Vargas; 2000. **Doc 150**
29. Blank D. Acidentes na Criança - Cuidados Especiais: Afogamento. In: XXXIII

- Congresso Brasileiro de Pediatria. Sociedade Cearense de Pediatria. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Pediatria e Sociedade Cearense de Pediatria; 2000. [Doc 151](#)
30. Blank D. Acidentes na Infância. In: 17º Congresso da Associação Médica do Rio Grande do Sul – AMRIGS. Porto Alegre: AMRIGS, 2000. [Doc 152](#)

● **Trabalhos completos publicados em anais de congressos**

1. Blank D, Grassi P. The growing threat of injury and violence against youths in Southern Brazil: A ten year analysis. The Second World Conference on Injury Control; 1993. Atlanta: Proceedings of The Second World Conference on Injury Control; 1993. [Doc 153](#)
2. Blank D, Mello JL. Epidemiological aspects of burns in Southern Brazil. Epidemiological aspects of burns in Southern Brazil; 1993. Atlanta: Proceedings of the Epidemiological aspects of burns in Southern Brazil; 1993. [Documento não disponível](#)

● **Resumos publicados em anais de congressos**

1. Blank D, Mello JL. Alcohol related burns in Southern Brazil. The First International Conference on Safe Communities; 1991. Falköping: Proceedings of The First International Conference on Safe Communities; 1991. [Documento não disponível](#)
2. Blank D. Exame parasitológico de fezes: uma ou mais amostras. XXVII Congresso Brasileiro de Pediatria; 1991. Porto Alegre: Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Pediatria; 1991. [Doc 154](#)
3. Blank D. Promoção de Saúde em Ambulatório de Pediatria. XXVII Congresso Brasileiro de Pediatria; 1991, Porto Alegre: Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Pediatria; 1991. [Doc 155](#)
4. Blank D. Promoting intersectoral cooperation: A multidirectional first step towards turning a large unsafe city into many safe communities. The Second World Conference on Injury Control; 1993. Atlanta: Proceedings of The Second World Conference on Injury Control; 1993. [Documento não disponível](#)
5. Blank D, Mello JL. Burn injuries in children in Rio Grande do Sul, Brazil - A report for PAHO. The Second World Conference on Injury Control; 1993. Atlanta: Proceedings of The Second World Conference on Injury Control; 1993.
[Documento não disponível](#)
6. Blank D, Mello JL, Silva CAM. Pediatricians can launch the making of safety legislation. The Second World Conference on Injury Control; 1993. Atlanta: Proceedings of The Second World Conference on Injury Control; 1993. [Não disponível](#)

● Organização de congressos, cursos e eventos

1. Blank, D. 1º Fórum Nacional de Controle de Acidentes e Violências na Infância e Adolescência. Sociedade Brasileira de Pediatria. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo; 1992. **Doc 88**

Novo milênio - 1ª década: Doutoramento

O número de setembro de 2001 da revista Injury Prevention, que vinha publicando biografias sintéticas dos membros do seu conselho editorial⁵⁵, estampou o meu retrato e um pequeno texto **Doc 156** que terminava assim:

In 1992, Dr Blank was appointed as the chairman of the Committee on Child and Adolescent Safety of the Brazilian Society of Pediatrics. Two of his main achievements during that period were the editing of the Handbook on Accidents and Poisonings in Childhood and Adolescence, and the production of the video "Protection, an act of love", directed to the lay public and presented at the Second World Conference on Injury Control. From then on, he has authored many textbook chapters on safety promotion. Since 1995, Dr Blank is the executive editor of Jornal de Pediatria, the official scientific publication of the Brazilian Society of Pediatrics, and upon the recent launching of the journal's web site he presently serves as web editor.

Achei oportuno transcrever esse trecho porque, ao acentuar minha produção editorial e minha ligação com o Jornal de Pediatria, acaba por indicar o caráter emblemático que este periódico assumiria do que eu chamo de doutoralização da carreira acadêmica, em que prepondera o espírito "*publish or perish*" entre atores necessariamente portadores do título de doutor (*stricto sensu* brasileiro) em busca da internacionalização e do fator de impacto.

De fato, quando o nosso JPED – como é conhecido – lançou o seu website bilíngue, em 2001, seu conselho editorial já era integrado somente por doutores (eu era, então, a única exceção) e, a partir daí, obteve a indexação na SciELO (2002) e MEDLINE (2003); inscrição no CrossRef (2005), com geração dos DOIs de todos os artigos; assumiu o inglês como idioma oficial de publicação (2006); e foi incluído na base de dados do Institute for Scientific Information, hoje Clarivate Analytics, para determinação do fator de impacto (2007), que é hoje 2,081.

Enquanto isso, seguindo essa tendência acachapante de doutoralização, o Conselho Universitário da UFRGS preparava a sua Decisão nº 197/2006, que normatizaria a progressão para a nova classe de professor associado, determinando que os velhos professores adjuntos, como eu, – ainda que exibissem produção acadêmica

⁵⁵ A minha entrada no conselho editorial da revista Injury Prevention – que abriria espaço para o alargamento da minha trajetória internacional no campo da injuriologia, com muitos desdobramentos de interesse acadêmico, principalmente na área de publicações –, se dera no início daquele ano. Diferentemente do que diz o professor Barry Pless, em sua carta de recomendação (ver página 20 deste memorial), não derivou da tal carta ao editor que eu enviara à revista em 1999 **Doc 120**, mas de uma conversa que partiu da referência ao nome dele em um artigo que eu escrevera no jornal Zero Hora **Doc 157**.

expressiva, fossem editores associados de periódicos com impacto internacional e fossem atuantes e reconhecidos nas suas respectivas sociedades científicas – jamais ascenderiam a essa posição e muito menos aspirariam à de professor titular, a menos que possuíssem o título de doutor ou equivalente.

No entanto, a minha perspectiva íntima do que era ser professor – e eu prezava muito a imagem do pediatra-professor – ainda dava realce à atividade de ensino clínico, com foco no aluno, de modo que continuava não me atraindo a formação pós-graduada de sentido estrito vigente no Departamento de Pediatria, especializante e curricularizadora.

Foi quando apareceu providencialmente a brilhante iniciativa conjunta dos professores Waldomiro Carlos Manfroi, da Faculdade de Medicina, e Carmen Lúcia Bezerra Machado, da Faculdade de Educação: o projeto de Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde. Concebido como um programa de pós-graduação *stricto sensu*, baseado na lógica da interdisciplinaridade e no desenvolvimento de um espaço de discussão permanente entre a academia e a rede de assistência à saúde – particularmente serviços vinculados ao Sistema Único de Saúde –, dava prioridade aos métodos ativos de ensino e aprendizagem e à geração do que eles chamavam de novos saberes⁵⁶, sob os preceitos da educação permanente em saúde.

Apaixonado pelo projeto, resolvi unir o útil ao agradável, engrossando o *mainstream* da academia e tornando-me doutor, mas ao mesmo tempo trabalhando algo que estivesse na fronteira de dois campos preferidos: linguagem e injuriologia. Lembrei-me logo do artigo da Deborah Girasek, publicado alguns anos antes na Injury Prevention⁵⁷, e tratei de negociar com o colega Marcelo Zubaran Goldani – que havia um tempo tentava me convencer a entrar na pós-graduação – a aceitação de me orientar, desde que fosse num projeto com tal temática. Fechado o acordo, candidatei-me à seleção para ingresso no projeto de Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde.

A primeira turma foi quase toda composta por professores da área da saúde da UFRGS: Carlos Roberto Heredia Antunes, Damásio Macedo Trindade, Danilo Blank,

⁵⁶ Sintomaticamente, a revista acadêmica que viríamos a fundar mais de dez anos depois, já no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, que adveio daquele projeto fundamental e que eu hoje coordeno, se chamou justamente [Saberes Plurais: Educação na Saúde](#).

⁵⁷ Ver a nota de rodapé nº 8, na página 14 deste memorial. O [artigo](#) em questão abordava a eterna briga conceitual, com nuances de sociolinguística e terminologia aplicada, em torno do acidente e suas consequências traumáticas; uma peleia que, segundo expus no [meu comentário](#) também publicado na revista Injury Prevention, parece que ainda vai dar muito espaço para elucubrações acadêmicas.

Francisco Arsego de Oliveira, Jorge Alberto Buchabqui, Mário Roberto Garcia Tavares, Maurem Ramos e José Ricardo Pinto de Abreu, da Medicina; Eloá Rossoni, da Odontologia; Cynthia Isabel Vivas Ponte, da Farmácia. Completavam o grupo pioneiro a dentista Elisabete Kasper, então docente da Universidade Feevale, e a enfermeira Nara Selaimen Gaertner Azeredo, do Grupo Hospitalar Conceição.

Como o projeto na época não era ainda um programa de pós-graduação formal, foi organizado um esquema com os programas já atuantes na Faculdade de Medicina, no qual cada aluno ficaria vinculado oficialmente ao programa do seu orientador.

Assim, entrei para o Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, tendo o Marcelo como orientador e a professora Norma Regina Marzola, da Faculdade de Educação, como co-orientadora. Por outro lado, em busca do apoio especializado na área da terminologia, fui indicado a procurar a professora Maria Jose Bocorny Finatto, do Instituto de Letras, com quem eu estabeleceria uma parceria de trabalho no campo da terminologia médica [Doc 158](#).

Nesse período, minha produção bibliográfica aumentou muito, não tanto quanto a capítulos de livros, nos quais eu já era prolífico, mas quadrupliquei o número de artigos em periódicos. Destes, dois destaques foram o artigo sobre a puericultura vista sob o prisma do embasamento em evidências científicas, publicado no Jornal de Pediatria, que viria a ser a minha publicação mais citada [Doc 48](#), e o comentário especial sobre o controle de injúrias na América do Sul, publicado na Injury Prevention [Doc 159](#).

Além disso, me envolvi mais com atividades de pesquisa e as consequentes apresentações de trabalhos em congressos científicos. Destas, a mais expressiva certamente foi relato do crescimento do Jornal de Pediatria que se seguiu às indexações nas bases de dados SciELO e MEDLINE, apresentado em sessão oral no 5th International Congress on Peer Review and Biomedical Publication, em Chicago [Doc 160](#).

Outras conferências internacionais, para as quais fui convidado em virtude do reconhecimento nas minhas duas áreas principais áreas de conhecimento, ocorreram no 3er Congreso Argentino de Pediatría General Ambulatoria, em Buenos Aires: a primeira sobre conscientização das famílias sobre prevenção de acidentes [Doc 161](#) e a segunda sobre apreciação crítica de artigos científicos [Doc 162](#).

Também nessa época ocorreu um fato inusitado: no 33º Congresso Brasileiro de Pediatria, realizado em Recife, em 2006, recebi o único prêmio da minha vida em congressos científicos; porém, não foi para um tema-livre, mas para a canção “O Vento e o rio”, uma homenagem ao Rio Guaíba, que eu inscrevi no concurso cultural organizado pelos pernambucanos para premiar pediatras que também produzem música, literatura e artes plásticas [Doc 163](#).

Depois de quatro anos de trabalho intenso, concluí minha tese⁵⁸, que acabou se chamando "Formação acadêmica e concepções de acidente e injúria em falantes do português: em busca de contrastes entre a língua cotidiana e línguas especializadas selecionadas" [Doc 164](#). O resultado foi apresentado em sessão oral na 10th World Conference on Injury Prevention and Safety Promotion, realizada em Londres, no ano seguinte, com boa repercussão [Doc 165](#).

E assim, deixei de ser a exceção do conselho editorial do Jornal de Pediatria, a partir de então composto exclusivamente por doutores. Na UFRGS, com o título de doutor na mão, fui promovido imediatamente à classe de professor associado, apto a pleitear a promoção a titular, passados os oito anos regulamentares. Além disso, abriram-se as portas para participação em atividades da pós-graduação, como bancas de defesas de dissertações e teses, co-orientações de trabalhos e, algum tempo depois, a docência no novo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde.

Produção acadêmica na década

• Tese

1. Formação acadêmica e concepções de acidente e injúria em falantes do português: em busca de contrastes entre a língua cotidiana e línguas especializadas selecionadas. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente - Linha de pesquisa Educação e Saúde. Faculdade de Medicina e Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre. Agosto 2009. [Doc 164](#)

• Livros

1. Campos JA, Paes CEN, Blank D, Costa DM, Pfeiffer L, Waksman RD, eds. Segurança da criança e do adolescente. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2004. [Doc 166](#)

⁵⁸ A produção da tese, um trabalho de fôlego, jamais teria chegado a um bom termo se, além do paciente apoio dos meus dois orientadores, eu não tivesse contado com a ajuda essencial da estatística Marilyn Agrononik – que me introduziu ao mundo da análise geométrica de dados –, do meu colega Gilberto Elmar Eckert – que deu cobertura às minhas inúmeras ausências no ambulatório da Zona 4 do HCPA –, à direção do Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas – que me conferiu uma licença de afastamento total por dois anos para o doutorado – e, é evidente, da minha família – que aguentou firme a minha cabeça e corpo noutro mundo.

● Capítulos de livros

1. Blank D. Promoção da segurança de crianças e adolescentes. In: XIII Curso de atualização em pediatria - Pré-TEP. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2001. p. 01-06. [Doc 167](#)
2. Blank D. Promoção da segurança de crianças e adolescentes. In: XIV Curso de atualização em pediatria - Pré-TEP. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2002, p. 01-07. [Doc 168](#)
3. Blank D. Condutas clínicas na promoção da saúde da criança e do adolescente. In: Duncan B, Schmidt MI, Giugliani ERJ (eds.). Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2004. p. 169-179. [Doc 169](#)
4. Blank D. Promoção da segurança da criança e do adolescente. In: Duncan B, Schmidt MI, Giugliani ERJ (eds.). Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2004. p. 211-218. [Doc 170](#)
5. Blank D. Conceituação e dimensão epidemiológica dos acidentes e violências. In: Campos JA, Paes CEN, Blank D, Costa DM, Pfeiffer L, Waksman RD, eds. Segurança da criança e do adolescente. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2004. p. 15-24. [Doc 171](#)
6. Pfeiffer L, Blank D. Normas básicas de segurança nos ambientes de atenção à saúde: ambulatorial e hospitalar. In: Campos JA, Paes CEN, Blank D, Costa DM, Pfeiffer L, Waksman RD, eds. Segurança da criança e do adolescente. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2004. p. 53-62. [Doc 172](#)
7. Blank D, Waksman, Renata Dejtiar. Acidentes de trânsito: segurança do pedestre, passageiro e condutor. In: Campos JA, Paes CEN, Blank D, Costa DM, Pfeiffer L, Waksman RD, eds. Segurança da criança e do adolescente. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2004. p. 117-127. [Doc 173](#)
8. Blank D, Lopes-Neto AA. Controle de acidentes e violências na infância e na adolescência. In: Costa MCO, Souza RP, eds. Semiologia e atenção primária à criança e ao adolescente. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda; 2005. p. 277-287. [Doc 174](#)
9. Blank D. Controle de injúrias físicas: Dicas para o pediatra. In: Ferreira JP, ed. Pediatria: diagnóstico e tratamento. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 213-221. [Doc 175](#)
10. Blank D. Por que as crianças sofrem acidentes? In: Waksman RD, Gikas RMC, Maciel W, eds. Crianças e adolescentes seguros. 1ª ed. São Paulo: Publifolha; 2005. p. 24-30. [Doc 176](#)
11. Blank D. Mudando a forma de enxergar os acidentes. In: Waksman RD, Gikas RMC, Maciel W, eds. Crianças e adolescentes seguros. 1 ed. São Paulo:

- Publifolha; 2005. p. 31-34. [Doc 177](#)
12. Blank D, Prito RMBK, Waksman RD, Gaspar VLV. Trânsito e transporte de crianças e jovens. In: Waksman RD, Gikas RMC, Maciel W, eds. Crianças e adolescentes seguros. São Paulo: Publifolha; 2005. p. 161-170. [Doc 178](#)
13. Blank D. Epidemiologia das injúrias intencionais (violência) e não-intencionais (acidentes). In: Ancona-Lopez F, Campos-Junior D, eds. Tratado de pediatria - Sociedade Brasileira de Pediatria. Barueri: Editora Manole; 2007. p. 59-63. [Doc 179](#)
14. Blank D, Salvagni EP, Fruchtengarten LVG, Silva AFA, Bucaretti F, Silva CAM. Causas externas de morbimortalidade. In: Freire LMS (org.). Diagnóstico diferencial em pediatria. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A.; 2008. p. 187-212. [Doc 180](#)
15. Waksman RD, Blank D. Diagnóstico e orientação sobre segurança na consulta pediátrica. In: Silva LR (org.). Diagnóstico em pediatria. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2009. p. 1098-1107. [Doc 181](#)
16. Blank D. Epidemiologia das injúrias físicas (acidentes e violências). In: Lopes FA, Campos Júnior D. (orgs.). Tratado de pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 2ª ed. Barueri, SP: Manole; 2009. p. 67-72. [Doc 182](#)
17. Blank D. Violência contra a criança e o adolescente. Promoção e proteção da saúde da criança e do adolescente. Porto Alegre: UFRGS; 2009. p. 36-44. [Doc 183](#)
18. Blank D. O pediatra e a segurança no trânsito. In: Sociedade Brasileira de Pediatria (org.). 67º Curso Nestlé de Atualização em Pediatria. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2010. p.152-158. [Doc 184](#)
19. Souza MC, Blank D. Prevenção de injúrias não intencionais. In: Picon PX, Marostica PJC, Barros E (orgs.). Pediatria: consulta rápida. Porto Alegre: Artmed; 2010. p. 59-66. [Doc 185](#)

● Artigos em periódicos

1. Piva JP, Garcia PC, Blank D. Jornal de Pediatria on-line: primeiras impressões. J Pediatr (Rio J). 2001 Jul-Aug;77(4):249-50. [Doc 186](#)
2. Piva JP, Garcia PC, Blank D, Amantea S. Desafios e consolidação de uma revista científica. J Pediatr (Rio J). 2002 Jan-Feb;78(1):1-2. [Doc 187](#)
3. Blank D. Injury prevention and control: will we or will we not step out of the twentieth century? J Pediatr (Rio J). 2002 Mar-Apr;78(2):84-6. [Doc 188](#)
4. Puccini RF, Blank D. Pediatric office practice. J Pediatr (Rio J). 2003 May;79 Suppl 1:S1-2. [Doc 189](#)
5. Blank D. A puericultura hoje: um enfoque apoiado em evidências. J Pediatr (Rio J). 2003 May;79 Suppl 1:S13-22. [Doc 48](#)
6. Blank D. Injury control in South America: the art and science of disentanglement.

- Inj Prev. 2004 Dec;10(6):321-4. [Doc 159](#)
7. Blank, D. Enk I. Algumas considerações sobre a boa prática ambulatorial pediátrica. Bol Cient Soc Pediatr RGS. 2004;24(2):2-3. [Doc 190](#)
 8. Blank D, Buchweitz C, Procianoy RS. Impact of SciELO and MEDLINE indexing on submissions to Jornal de Pediatria. J Pediatr (Rio J). 2005 Nov-Dec;81(6):431-4. [Doc 191](#)
 9. Blank D. Injury control from the perspective of contextual pediatrics. J Pediatr (Rio J). 2005 Nov;81(5 Suppl):S123-36. [Doc 192](#)
 10. Blank D, Liberal EF. Pediatricians and the external causes of morbidity and mortality. J Pediatr (Rio J). 2005 Nov;81(5 Suppl):S119-22. [Doc 193](#)
 11. Blank D, Rosa LO, Gurgel RQ, Goldani MZ. Brazilian knowledge production in the field of child and adolescent health. J Pediatr (Rio J). 2006 Mar-Apr;82(2):97-102. [Doc 194](#)
 12. Blank D. A propósito de cenários e atores: de que peça estamos falando? Uma luz diferente sobre o cenário da prática de médicos em formação. Rev Bras Educ Med. 2006;30(1):27-31. [Doc 195](#)
 13. Goldani MZ, Gurgel RQ, Blank D, Gerolin J, Mari JJ. Pursuing efficiency: international visibility of the scientific production of Brazilian graduate programs in child and adolescent health from 1998 through 2003. J Pediatr (Rio J). 2007;83:436-440. [Doc 196](#)
 14. Blank D. Semiologia e atenção primária à criança e ao adolescente. Ciência & Saúde Coletiva. 2007;12:1399-1402. [Doc 197](#)
 15. Fernandes FS, Blank D, Nava T, Agranonik M, Goldani MZ. Características e fatores de risco para traumas em iatistas adolescentes. Revista AMRIGS. 2007;51:270-274. [Doc 198](#)
 16. Blank D, Hohgraefe Neto G, Grando E, Siqueira PZ, Lunkes RP, Pietrobeli JL, Marzola NR, Goldani MZ. Web-based survey on students' conceptions of accident. Inform Health Soc Care. 2009;34(4):189-208. [Doc 199](#)
 17. Goldani MZ, Silva CH, Nascimento LFM, Blank D. A questão da produção do conhecimento: desafios na gestão dos programas de pós-graduação. RBPG. Revista Brasileira de Pós-Graduação. 2010;7:104-116. [Doc 200](#)
 18. Blank D. Publicação Científica: Quem deve escrever e quem deve ler? Revista Científica (Porto Alegre). 2010;19:14-20. [Doc 201](#)
 19. Blank D, Goldani MZ. Monitorização do crescimento do lactente nascido a termo: uma atualização. Revista Científica (Porto Alegre). 2010;19:54-97. [Doc 202](#)

• Artigos em revistas e jornais

1. Blank D. Mais pardais, menor risco. Zero Hora 01 nov 2000; 12316:17(col 1). [Doc 157](#)

2. Blank D. A tragédia da miopia coletiva. Zero Hora 10 fev 2005; 14415:15(col 1).

Doc 204

● Conferências e mesas redondas

1. Blank D. Campanhas Educativas x Resultados. In: V Campanha de Prevenção de Trauma na Infância do Hospital de Pronto Socorro Municipal de Porto Alegre. Direção Científica, Educação Continuada - Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Porto Alegre: Hospital Pronto Socorro; 2001. **Doc 205**
2. Blank D. Acidentes na Infância: Como Prevenir e o que Fazer: Veículos a Motor. In: 4º Congresso Nacional de Pediatria Região Norte e I Congresso Paraense de Atenção Multidisciplinar; 2001. **Doc 206**
3. Blank D. Problemas Ortodônticos em Pediatria. In: II Curso de Odontologia para Pediatras; 2001. **Doc 207**
4. Blank D. Decifrando Problemas: O Pediatra na Promoção da Segurança. In: 2ª Jornada Gaúcha de Atualização em Pediatria. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2002. **Doc 208**
5. Blank D. Intoxicação na infância. In: Seminário Técnico do Dia Estadual de Prevenção de Acidentes Tóxicos. Porto Alegre: Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul; 2002. **Doc 209**
6. Blank D. Prevenção de Acidentes na Infância. In: Policlínica Militar de Porto Alegre. Porto Alegre: Policlínica Militar de Porto Alegre; 2002. **Doc 210**
7. Blank D. Controle de injúrias físicas: comentários práticos. In: XV Curso de Atualização em Pediatria e Preparatório para o Concurso do Título de Especialista em Pediatria TEP/2003. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2003. **Doc 211**
8. Blank D. Redução da morbimortalidade de crianças e adolescentes no trânsito: Há intervenção eficaz? In: 6º Congresso Nacional de Pediatria - Região Centro-Oeste e III Congresso de Pediatria da Região do Pantanal. Campo Grande: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2003. **Doc 212**
9. Blank D. Exposições ambientais associadas a múltiplos efeitos à saúde - Tabaco e pesticidas. In: 6º Congresso Nacional de Pediatria - Região Centro-Oeste e III Congresso de Pediatria da Região do Pantanal. Campo Grande: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2003. **Doc 213**
10. Blank D. Quais as maiores dificuldades? Como superá-las? In: 6º Congresso Nacional de Pediatria - Região Centro-Oeste e III Congresso de Pediatria da Região do Pantanal. Campo Grande: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2003. **Doc 214**
11. Blank D. Adoção de comportamentos em ambientes seguros e saudáveis no

- trânsito. In: 32º Congresso Brasileiro de Pediatria e 10º Congresso Paulista de Pediatria. São Paulo: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2003. [Doc 215](#)
12. Blank D. Avaliação médica periódica na criança e no adolescente. In: 20º Congresso Amrigs. Porto Alegre: Associação Médica do Rio Grande do Sul; 2003. [Não disponível](#)
 13. Blank D. Prevención de accidentes: concientizar a la familia, un desafío para todos. In: 3er Congreso Argentino de Pediatría General Ambulatoria. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Pediatría; 2004. [Doc 161](#)
 14. Blank D. Valoración crítica de un artículo científico. Solo medicina? In: 3er Congreso Argentino de Pediatría General Ambulatoria. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Pediatría; 2004. [Doc 162](#)
 15. Blank D. Publicações em revistas científicas. In: 26ª Semana Científica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, 5ª Reunião da Rede Nacional de Pesquisa Clínica em Hospitais de Ensino, 13º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul. Porto Alegre: Hospital de Clínicas de Porto Alegre; 2006. [Doc 216](#)
 16. Blank D. Segurança no trânsito a partir do início da vida. In: Congresso Gaúcho de Cuidado Intensivo em Neonatologia e Pediatria e Simpósio de Especialidades Pediátricas. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2006. [Doc 217](#)
 17. Blank D. Projetos de pesquisa e formatação de artigos. In: 14º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul. Porto Alegre: Hospital de Clínicas de Porto Alegre; 2007. [Doc 218](#)
 18. Blank D. O Pediatra e a promoção da segurança. In: X Congresso Nacional de Pediatria - Região Nordeste. Salvador: Sociedade Baiana de Pediatria; 2008. [Doc 219](#)
 19. Blank D. Saindo de casa. X Congresso Nacional de Pediatria - Região Nordeste. Salvador: Sociedade Baiana de Pediatria; 2008. [Doc 220](#)
 20. Blank D. Orientações de segurança na prática pediátrica. In: 34º Congresso Brasileiro de Pediatria. Brasília: Sociedade Brasileira de Pediatria e Sociedade de Pediatria do Distrito Federal; 2009. [Doc 221](#)
 21. Blank D. Segurança no trânsito. In: Curso Nestlé de Atualização em Pediatria. Belo Horizonte: Sociedade Mineira de Pediatria; 2010. [Doc 222](#)

- Resumos publicados em anais de congressos

1. Pless B, Blank D, Chapman S, Squires B. How to get published: Advice from the editors. In: 6th World Conference on Injury Prevention and Control; 2002; Montreal. 6th World Conference on Injury Prevention and Control - Abstracts.

- Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal; 2002. . p. 1303-1303. **Doc 223**
2. Blank D, Buchweitz C, Procianoy R. Impact of SciELO and MEDLINE indexing on the submission of articles to a non-English journal. In: 5th International Congress on Peer Review and Biomedical Publication; 2005; Chicago. Abstracts of the 5th International Congress on Peer Review and Biomedical Publication. Chicago, Londres: JAMA & Archives Journals, BMJ Publishing Group; 2005. p. 18-19. **Doc 160**
 3. Blank D, Goldani MZ, Azeredo N. O grupo web como ferramenta acessória em seminário de pós-graduação. In: 44 Congresso Brasileiro de Educação Médica. Gramado: 2006. **Doc 224**
 4. Blank D, Hohgraefe G, Grando E, Zanin P, Lunkes RP, Pietrobeli JL, Marzola NR, Goldani MZ. O uso de uma enquete via Internet para examinar concepções e atitudes de estudantes. In: 45º Congresso Brasileiro de Educação Médica, 2007, Uberlândia. Revista Brasileira de Educação Médica. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica – ABEM; 2007. p. 575-576. **Doc 225**
 5. Blank D, Agranonik M, Marzola NR, Goldani MZ. Academic formation and conceptions of accident and injury among non-English speaking students: A geometric data analysis hard look at terminologization and injury notions. In: 10th World Conference on Injury Prevention and Safety Promotion; 2010; Londres. Injury Prevention. Londres: BMJ Publishing Group; 2010. v. 16. p. A1-A300. **Doc 165**
 6. Johnston B, Ameratunga S, Blank D, Kendrick D, Pless B, Winston FK. Getting your research published: writing for Injury Prevention. In: 10th World Conference on Injury Prevention and Safety Promotion; 2010; Londres. IP Safety 2010 abstracts. Londres: BMJ Publishing Group Ltd; 2010. p. A272-A273. **Doc 226**

Década atual: UFRGS integral

O meu tempo presente é de dedicação total às lidas acadêmicas.

No período pós-doutoramento, já crescia a minha inclinação a estudar e escrever mais sobre questões de ensino, ao que se agregou a perspectiva tangível de integrar o corpo docente do novo programa de pós-graduação que se consagraria a partir das linhas de pesquisa em educação e saúde do projeto Manfroi/Carmen, posição à qual eu me credenciava naturalmente, tendo sido um dos poucos alunos-médicos-professores da turma original a obter o título de doutor.

Na Sociedade Brasileira de Pediatria, na qual eu já vinha atuando desde 2004 como Diretor de Publicações [Doc 227](#), passei a acumular a função de Coordenador de Graduação da Diretoria de Ensino e Pesquisa [Doc 228](#) e me envolvi progressivamente na produção do Tratado de Pediatria – o livro-texto mais popular entre os pediatras brasileiros –, a princípio como membro da comissão editorial [Doc 229](#) e a seguir como um dos coordenadores [Doc 230](#).

Enquanto isso, na UFRGS, fui cada vez mais assumindo funções administrativas e em órgãos colegiados, como o cargo de chefe substituto do Departamento de Pediatria – eleito na chapa encabeçada pela colega Helena Ayako Sueno Goldani, em 2011 [Doc 231](#) – e representante docente no Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPE) – por dois períodos, entre 2012 e 2016 [Doc 232](#).

Em janeiro de 2012, tive atuação central e de grande responsabilidade num evento marcante para o Departamento de Pediatria, que foi a realização do primeiro concurso para professor titular, depois de quase trinta anos. Em virtude do impedimento da professora Helena, cujo marido era candidato, tive que assumir a coordenação do certame, com todos os encargos administrativos e recepção dos membros da banca examinadora. O concurso fez uma grande diferença para o Departamento, que, depois de um longo período contando com apenas um professor titular, o professor Renato Soibelman Procianoy, passou a contar com mais três: Elsa Regina Justo Giuglianí, Jefferson Pedro Piva e Marcelo Zubaran Goldani. Isso tudo mudaria, dois anos depois, com a instituição das novas regras de promoção à classe de professor titular, a partir de então não mais dependente de um limite fixo de vagas.

No mês seguinte, outro fato bem relevante na minha vida: aposentei-me do cargo de pediatra do Ministério da Saúde, no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, depois de trinta e cinco anos de atividade eminentemente docente, na preceptoria ambulatorial dos médicos residentes de pediatria. A nova condição, além de aliviar a

sobrecarga de trabalho que eu mesmo me impusera por muitos anos, deu margem a que eu começasse a considerar a possibilidade de passar a exercer dedicação exclusiva à UFRGS.

De fato – como já vimos – por um bom tempo da minha atuação docente, eu sempre defendera a tese de que a prática clínica era condição essencial para ser um pediatra-professor competente, pois a experiência pessoal na atenção à saúde/doença das crianças e jovens e das questões familiares correlatas constituiria subsídio necessário ao conhecimento adquirido pelo estudo. Contudo, depois de mais de trinta anos de prática pediátrica abrangente de consultório privado – proporcionando, com efeito, ótima correlação teórico-prática –, comecei a considerar que eu já acumulara experiência suficiente para não ter que continuar arcando com o regime de plantão permanente ao telefone, das consultas por e-mail e mensagens telefônicas, além dos atendimentos hospitalares e salas de parto de madrugada. Assim, depois de ponderar muito bem todas as circunstâncias, optei por encerrar minha atividade de consultório e solicitar a alteração de regime de trabalho na UFRGS para dedicação exclusiva, o que se efetivou em novembro de 2013 **Doc 233**. Em tempo: isso se deu cinco meses depois de eu já ter sido eleito chefe do [Departamento de Pediatria](#).

Assumi a chefia do Departamento de Pediatria – já com o novo nome, que substituía o tradicional, Departamento de Pediatria e Puericultura (conforme a portaria 7262/2012, assinada pelo vice-reitor, professor Rui Vicente Oppermann) – no dia 11 de junho de 2013 **Doc 234**, tendo como chefe substituta a minha querida colega Eliana de Andrade Trotta e invertendo assim as posições da nossa producente parceria de 16 anos antes, quando eu a secundara nos seus dois primeiros mandatos como chefe. Seguro por contar com seu apoio abalizado, eu jamais poderia imaginar que a Eliana morreria de modo inesperado, pouco depois de completarmos um ano de mandato, causando grande comoção, não só no âmbito da Faculdade de Medicina, mas em todo o meio pediátrico gaúcho, onde ela se destacava por sua proatividade carismática e retidão⁵⁹.

⁵⁹ A Eliana merece um registro especial neste memorial, não só pelo seu caráter, comprometimento e grande capacidade de liderança, trabalho e organização; não só pela sua atitude sempre positiva de enfrentar as responsabilidades e até adversidades; não só por estampar sempre um sorriso por trás dos óculos e desanuviar os ambientes com o dito gaudério justo para cada situação; mas sobretudo por ter sido minha parceira confiável em cada passo da minha trajetória acadêmica; ela que foi minha colega de turma na graduação (sempre perto, em virtude dos nossos nomes serem próximos nas listas de chamada, que determinavam nossa alocação nos estágios práticos e enfermarias), companheira na monitoria e na residência, colega na Clínica de Atendimento Pediátrico e, por fim, colega docente no Departamento de Pediatria (tendo assinado o termo de posse juntos), no qual dividimos tantas tarefas. Em sua homenagem, disponibilizo aqui o [link](#) para a ata que ela nos deixou, com seu estilo

A partir daí, começa o meu período atual de dedicação integral à UFRGS⁶⁰, onde assumi tarefas institucionais, além das atividades docentes e da chefia do Departamento de Pediatria, como integrar o grupo responsável pela redação do novo Regimento da Faculdade de Medicina [Doc 235](#).

No âmbito da doutoralidade do ensino e da aprendizagem, ampliei minha capacitação técnica, participando de dois Seminários Internacionais sobre Carreira Docente nas Profissões da Saúde [Doc 236](#), promovidos pela Universidade de Campinas, paralelamente ao envolvimento com as atividades da Associação Brasileira de Educação Médica [Doc 237](#), agregando competências que influenciariam minha indicação para integrar o Núcleo Docente Estruturante da Faculdade de Medicina [Doc 7](#).

O ano de 2015 trouxe um novo desafio, pois fui eleito para um segundo mandato na chefia do Departamento de Pediatria [Doc 238](#) e, quase que simultaneamente, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde (PPGENSAU), também para um mandato de dois anos [Doc 239](#). No Departamento, foi eleito o professor Clécio Homrich da Silva meu chefe substituto; no PPGENSAU, a professora Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, da Faculdade de Odontologia.

Ainda que o acúmulo das chefias de dois órgãos importantes dentro da estrutura universitária tenha significado uma sobrecarga de responsabilidade e trabalho, não tenho dúvida de que meu desempenho foi satisfatório em ambas as funções. No Departamento de Pediatria, que tem sido considerado pelos alunos um dos melhores departamentos da Faculdade de Medicina, realizamos vários concursos públicos para preencher vagas de aposentadoria de professores, o que tem oxigenado o corpo docente, que participa com muito empenho nos [seminários anuais de excelência acadêmica](#), nos quais reavaliamos criticamente nossa missão e projeto político-pedagógico, planejamos as correções de rumo do nosso trabalho e discutimos estratégias de desenvolvimento docente.

O [PPGENSAU](#), um mestrado profissional, tem consolidado o seu papel de interação entre a academia e o mundo do trabalho, assim como com a sociedade em geral,

inconfundível, do 3º Seminário de Excelência Acadêmica do Departamento de Pediatria, o último do qual ela participou. Na foto da capa do relatório do seminário, a Eliana aparece entre mim e o colega Paulo Roberto Antonacci Carvalho, também nosso parceiro próximo desde a graduação.

⁶⁰ Dedicação integral significa que desde 2013 eu não tenho nenhum outro compromisso profissional regular além da docência universitária. Como já referi, mantive minha participação na Sociedade Brasileira de Pediatria – mas com atividades eminentemente acadêmicas, dentre as quais sempre se destacou a editoria do Jornal de Pediatria –, além da função de editor associado da revista Injury Prevention.

por meio da capacitação de profissionais do SUS para atividades de educação e saúde. A procura pelo curso tem sido crescente; na minha gestão, depois de termos formado a segunda turma de mestres, composta por 20 alunos, resolvemos aumentar o número de vagas para 25. Criamos a revista acadêmica [Saberes Plurais: Educação na Saúde](#) e realizamos com sucesso o segundo seminário interdisciplinar, denominado “Interpelações do cotidiano no ensino na saúde: caminhos e desafios”. Como coordenador, ampliei a participação em encontros nacionais de pós-graduação, como o Fórum de Integração dos Mestrados Profissionais de Saúde (FIMPER-Saúde), em Recife [Doc 240](#), e o Fórum dos Coordenadores de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, em Campinas [Doc 241](#). Em junho de 2017, fui reeleito para um segundo mandato na coordenação do PPGENSAU [Doc 6](#), o que atesta a confiança que meus colegas do programa depositam em mim.

Por outro lado, ainda no âmbito da pós-graduação, fui eleito pelos meus pares coordenador substituto da Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina, que integra todos os seus programas de pós-graduação [Doc 242](#).

Um fato que merece destaque na minha atividade acadêmica desta última década é o expressivo aumento na produção de livros e capítulos de livro, porque – a meu ver – trata-se de um indicador de prestígio e reconhecimento. No caso dos capítulos, isso é óbvio, pois são sempre frutos de convites feitos por editores ou organizadores de obras, que evidentemente procuram por colaboradores de renome e confiabilidade acadêmica. Quanto aos livros, por sua vez, revelam proatividade no campo da comunicação e/ou competência e liderança para reunir colaboradores com o devido reconhecimento acadêmico.

Pois, na década atual, que ainda está em curso, já fui editor/organizador de três obras, duas das quais com distribuição nacional: o livro “Crianças e Adolescentes em Segurança” [Doc 243](#) é uma obra de fôlego, dirigida à comunidade leiga, particularmente pais de crianças e adolescentes; já o Tratado de Pediatria [Doc 244](#), uma obra de muito mais fôlego, é o livro-texto oficial da SBP, com grande aceitação dos pediatras no Brasil inteiro.

Dos quase trinta capítulos dos quais fui autor ou coautor nos anos recentes, vale realçar “Preventing Unintentional Injuries: Ethical Considerations in Public Health”, que escrevi em parceria com Shanthi Ameratunga e Monique Jonas, da Universidade de Auckland, Nova Zelândia, para integrar o “Oxford Handbook of Public Health Ethics”, ainda no prelo [Doc 245](#), pois se trata de uma obra multiautoral internacional de grande impacto acadêmico.

E assim, com essa última publicação, prevista para o início de 2018, juntamente com mais outros cinco textos ainda também no prelo (trata-se dos últimos seis capítulos

de livro discriminados na lista que se segue), vê-se que eu vou encerrando a sexta década de atividades na UFRGS razoavelmente ativo.

Produção acadêmica na década

● Livros

1. Waksman RD, Gikas RM, Blank D. Crianças e adolescentes em segurança. Barueri, SP: Manole; 2013. [Doc 243](#)
2. Manfroi WC, Machado CL, Ramos M, Blank D. Educação e saúde: Um caminho em construção. Porto Alegre, RS: wwlivros; 2015. [Doc 246](#)
3. Burns DAR, Campos Junior D, Silva LR, Borges WG, Blank D. Tratado de Pediatria. 4ª ed. Barueri, SP: Manole; 2017. [Doc 244](#)

● Capítulos de livros

1. Blank D. Novos parâmetros de proteção de passageiros de veículos automotores. In: 69º Curso Nestlé de Atualização em Pediatria. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2012. p. 85-91. [Doc 247](#)
2. Blank D. Segurança. In: Lopez FA, Campos JR D, orgs. Filhos adolescentes: de 10 a 20 anos de idade. Barueri: Manole; 2012. p. 87-96. [Doc 248](#)
3. Blank D. Acompanhamento de saúde da criança. In: Duncan BB, Schmidt MI, Giugliani ERJ, Duncan MS, Giugliani C, eds. Medicina ambulatorial: Condutas de atenção primária baseadas em evidências. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2013. p. 170-180. [Doc 249](#)
4. Fernandes CL, Berger CB, Blank D. Acompanhamento de saúde do adolescente. In: Duncan BB, Schmidt MI, Giugliani ERJ, Duncan MS, Giugliani C, eds. Medicina ambulatorial: Condutas de atenção primária baseadas em evidências. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2013. p. 313-320. [Doc 250](#)
5. Waksman RD, Blank D. Promoção da segurança. In: Pessoa JHL, ed. Puericultura: Conquista da saúde da criança e do adolescente. São Paulo: Atheneu; 2013. p. 309-320. [Doc 251](#)
6. Blank D. Promoção da segurança da criança e do adolescente. In: Duncan BB, Schmidt MI, Giugliani ERJ, Duncan MS, Giugliani C, eds. Medicina ambulatorial: Condutas de atenção primária baseadas em evidências. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2013. p. 209-217. [Doc 252](#)
7. Blank D, Waksman RD, Prito RM. Acidentes de transporte. In: Campos Jr D, Burns DAR, eds. Tratado de pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 3ª ed. Barueri: Manole; 2014. p. 217-221. [Doc 253](#)

8. Blank D, Waksman RD, Gikas RM. Acidentes e violências: um olhar atual. In: Waksman RD, Gikas RM, Blank D, eds. Crianças e adolescentes em segurança. Barueri: Manole; 2014. p. 04-09. [Doc 254](#)
9. Blank D. Acidentes em meios de transporte. In: 70º Curso Nestlé de Atualização em Pediatria. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2014. [Doc 255](#)
10. Waksman RD, Gikas RM, Maciel W, Blank D. Ambiente doméstico. In: Waksman RD, Gikas RM, Blank D, eds. Crianças e adolescentes em segurança. Barueri: Manole; 2014. p. 135-147. [Doc 256](#)
11. Blank D. Epidemiologia das injúrias/agravos por violências e acidentes. In: Campos Jr D, Burns DAR, eds. Tratado de pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 3ª ed. Barueri: Manole; 2014. p. 112-118. [Doc 257](#)
12. Pfeiffer L, Blank D. Normas básicas de segurança nos ambientes de atenção à saúde: ambulatorial e hospitalar. In: Campos Jr D, Burns DAR, eds. Tratado de pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 3ª ed. Barueri: Manole; 2014. p. 133-138. [Doc 258](#)
13. Blank D, Paes CE, Maciel W. Promoção da segurança no ambiente doméstico. In: Campos Jr D, Burns DAR, eds. Tratado de pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 3ª ed. Barueri: Manole; 2014. p. 119-122. [Doc 259](#)
14. Blank D, Prito RM, Waksman RD, Gaspar VL. Trânsito e transporte de crianças e jovens. In: Waksman RD, Gikas RM, Blank D, eds. Crianças e adolescentes em segurança. Barueri: Manole; 2014. p. 371-385. [Doc 260](#)
15. Waksman RD, Prito RM, Blank D. Viagem com crianças e adolescentes. In: Waksman RD, Gikas RM, Blank D, eds. Crianças e adolescentes em segurança. Barueri: Manole; 2014. p. 186-197. [Doc 261](#)
16. Blank D. Antipiréticos. In: Piltcher OB, Costa SS, Maahs GS, Kuhl G, orgs. Rotinas em Otorrinolaringologia. Porto Alegre: Artmed; 2015. p. 405-409. [Doc 262](#)
17. Blank D. Formação acadêmica e concepções de acidente e injúria em falantes do português. In: Manfroi WC, Machado CL, Ramos M, Blank D, eds. Educação e saúde: Um caminho em construção. Porto Alegre: wwlivros; 2015. p. 48-58. [Doc 263](#)
18. Blank D. Febre. In: Lago PM, Ferreira CT, Mello ED, Pinto LA, Epifanio M, orgs. Pediatria baseada em evidências. Barueri: Manole; 2016. p. 655-666. [Doc 264](#)
19. Blank D, Mendonça ML, Waksman RD, Lopes Neto AA. Segurança. In: Burns DAR, Campos Jr D, eds. Perguntas e respostas em pediatria. Barueri: Manole; 2016. p. 85-89. [Doc 265](#)
20. Barbosa MM, Blank D. A consulta do adolescente. In: Burns DAR, Campos Junior D, Silva LR, Borges WG, Blank D, eds. Tratado de Pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 4ª ed. Barueri: Manole; 2017. p. 353-362. [Doc 266](#)
21. Chedid S, Blank D, Cury JA. Higiene bucal com uso de flurotetros - Medidas de prevenção. In: Burns DAR, Campos Junior D, Silva LR, Borges WG, Blank D, eds.

- Tratado de Pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 4^a ed. Barueri, SP: Manole; 2017. p. 2339-2343. [Doc 267](#)
22. Blank D. Segurança no ambiente doméstico. In: Burns DAR, Campos Junior D, Silva LR, Borges WG, Blank D, eds. Tratado de Pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 4^a ed. Barueri, SP: Manole; 2017. p. 71-74. [Doc 268](#)
23. Blank D, Waksman RD. Segurança no trânsito. In: Burns DAR, Campos Junior D, Silva LR, Borges WG, Blank D, eds. Tratado de Pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 4^a ed. Barueri, SP: Manole; 2017. p. 75-80. [Doc 269](#)
24. Ameratunga S, Jonas M, Blank D. Preventing Unintentional Injuries: Ethical Considerations in Public Health. In: Mastroianni A, Kass N, Kahn J, eds. Oxford Handbook of Public Health Ethics. New York: Oxford University Press; 2018. [Doc 270](#)
25. Blank D. O atendimento pediátrico. In: Deutsch AD, Oliveira CAC, Schvartsman C, Daniel Filho DA, Troster EJ, Pires EMSG, Santos E, Granato MF, Gonçalves PA, Waksman RD, eds. Pediatria na Graduação. São Paulo: Atheneu; 2018. p. 01-28. [Doc 271](#)
26. Blank D, Waksman RD. Segurança. In: Deutsch AD, Oliveira CAC, Schvartsman C, Daniel Filho DA, Troster EJ, Pires EMSG, Santos E, Granato MF, Gonçalves PA, Waksman RD, eds. Pediatria na Graduação. São Paulo: Atheneu; 2018. p. 01-30. [Doc 272](#)
27. Schmitt LR, Blank D. Prevenção de lesões não intencionais. In: Marostica PJC, Picon PX, eds. Pediatria Consulta Rápida. 2^a ed. Porto Alegre: Artmed; 2018. p.000-000. [Doc 273](#)
28. Casanova LC, Villetti MC, Ramos MS, Blank D, Mia JC, Minieri AS. Crescimento e desenvolvimento. In: Marostica PJC, Picon PX, eds. Pediatria Consulta Rápida. 2^a ed. Porto Alegre: Artmed; 2018. p. 000-000. [Doc 274](#)
29. Marins JCL, Picon PX, Blank D. A consulta pediátrica e de puericultura. In: Marostica PJC, Picon PX, eds. Pediatria Consulta Rápida. 2^a ed. Porto Alegre: Artmed; 2018. p. 000-000. [Doc 275](#)

● Artigos em Periódicos

- Hosking J, Ameratunga S, Morton S, Blank D. A life course approach to injury prevention: a "lens and telescope" conceptual model. BMC Public Health. 2011;11:695. [Doc 276](#)
- Blank D. Uso de antitérmicos: quando, como e por quê. Residência Pediátrica. 2011;1(2):31-36. [Doc 277](#)
- Blank D. Residência Pediátrica: quantos seguidores teria hoje @william_osler? Residência Pediátrica. 2011;1(2): 4-6. [Doc 278](#)
- Blank D. Uso de antitérmicos: quando e como. Revista AMRIGS. 2011;55(1):12-16.

Doc 279

5. Blank D. Entendimento dos médicos pediatras na recomendação de cremes dentais na primeira infância. Revista da Faculdade de Odontologia de Porto Alegre. 2012;53(3):36-40. **Doc 280**
6. Waksman RD, Blank D. Prevenção de acidentes: um componente essencial da consulta pediátrica. Residência Pediátrica. 2014;4(3):s36-s44. **Doc 281**
7. Blank D, Xiang H. Will the final battle not be between good and evil, but rather injuriologists and accidentologists? Injury Prevention. 2015;21(3):211-212. **Doc 282**
8. Albuquerque PP, Toassi RFC, Machado CLB, Blank D. Saberes Plurais: Educação na Saúde - um projeto de educação diferenciado. Saberes Plurais: Educação na Saúde. 2016;1(1):7-10. **Doc 283**
9. Albuquerque PP, Toassi RFC, Blank D. Avaliação do Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional da UFRGS: percepções de egressos. Saberes Plurais: Educação na Saúde. 2016;1(1):26-38. **Doc 284**
10. Blank D. Mestrado profissional em ensino na saúde no Brasil: avanços e desafios a partir de políticas indutoras. Saberes Plurais: Educação na Saúde. 2016;1(1):134-137. **Doc 285**

● Conferências e mesas redondas

1. Blank D. Relatório Mundial sobre Prevenção de Injúrias em Crianças: Implicações para o Setor de Saúde. In: Administração de Sistemas e Serviços de Saúde. Porto Alegre: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; 2011. **Doc 286**
2. Blank D. Desafios pediátricos: Uso de antitérmicos - Quando e como. In: II Simpósio Sul-Americanano de Pediatria e IV Congresso Gaúcho de Atualização em Pediatria. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2011. **Doc 287**
3. Blank D. O uso de dentífricos fluoretados na primeira infância: riscos e benefícios. In: 5ª Jornada Gaúcha de Odontologia Pediátrica. Porto Alegre: Associação Gaúcha de Odontopediatria; 2011. **Documento não disponível**
4. Blank D. Qual a segurança que o pediatra precisa enfatizar hoje? In: 35º Congresso Brasileiro de Pediatria. Salvador: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2011. **Doc 288**
5. Blank D. Estreitando o hiato entre a pesquisa e a prática pediátrica: o artigo científico certo na hora certa. In: 35º Congresso Brasileiro de Pediatria. Salvador: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2011. **Doc 289**
6. Blank D. Acidentes de transporte. In: 35º Congresso Brasileiro de Pediatria. Salvador: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2011. **Doc 290**
7. Blank D. Relatório Mundial sobre Prevenção de Injúrias em Crianças

- OMS/UNICEF. In: 6º Fórum Paulista de Prevenção de Acidentes e Combate à Violência contra Crianças e Adolescentes. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo e Conselho Estadual dos Direitos das Crianças e do Adolescente; 2011. [Doc 291](#)
8. Blank D. Novos parâmetros de prevenção de acidentes de trânsito. In: 69º Curso Nestlé de Atualização em Pediatria. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria e Nestlé; 2012. [Doc 292](#)
 9. Blank D. Papéis dos profissionais da saúde e dos pais na promoção da segurança. In: 7º Fórum Paulista de Prevenção de Acidentes e Combate à Violência contra Crianças e Adolescentes. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo; 2012. [Doc 293](#)
 10. Blank D. Dentífricio fluoretado do ponto de vista do médico pediatra. In: O uso de dentífricos fluoretados: Bebês e crianças. São Paulo: Centro Internacional de Ensino e Pesquisas Avançadas em Saúde/Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo; 2012. [Doc 294](#)
 11. Blank D. Creche e infecções de repetição: Problema frequente. In: X Congresso Gaúcho de Atualização em Pediatria e III Simpósio Sul-Americano de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2012. [Doc 295](#)
 12. Blank D. O ensino na pediatria: realidade e perspectivas. In: XV Congresso Gaúcho de Educação Médica. Porto Alegre: Fundação Médica do Rio Grande do Sul; 2012. [Doc 296](#)
 13. Blank D. Segurança das crianças no trânsito. In: VI Congresso Gaúcho de Atualização em Pediatria. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2013. [Doc 297](#)
 14. Blank D. Relatório Mundial sobre Prevenção de Injúrias em Crianças OMS/UNICEF. In: 13º Congresso Paulista de Pediatria. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo; 2013. [Doc 298](#)
 15. Blank D. Acidentes em meios de transporte. In: 70º Curso Nestlé de Atualização em Pediatria. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Pediatria e Nestlé; 2014. [Doc 299](#)
 16. Blank D. Prevenção de acidentes nas crianças e adolescentes - O que há de atual? In: 37º Congresso Brasileiro de Pediatria. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2015. [Doc 300](#)
 17. Blank D. Estratégias de prevenção do atropelamento. In: 37º Congresso Brasileiro de Pediatria. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2015. [Doc 301](#)
 18. Blank D. O olhar atual para os acidentes e violências. In: 14º Congresso Paulista de Pediatria. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo; 2016. [Doc 302](#)
 19. Blank D. Pediatria para odontopediatras. In: Curso de Especialização em Odontopediatria. Porto Alegre: Associação Brasileira de Odontologia; 2016.

Doc 303

20. Blank D. A transição epidemiológica e o impacto na saúde da criança e do adolescente. In: Estratégias de Promoção de Saúde da Criança em Atenção Primária. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente – FAMED/UFRGS; 2016. **Documento não disponível**
21. Blank D. Acidentes e Violência. In: IX Congresso Gaúcho de Atualização em Pediatria e VII Simpósio Sul-Americano de Pediatria. Porto Alegre: Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul; 2016. **Doc 304**

● **Organização de congressos, cursos e eventos**

1. Blank D. XV Congresso Gaúcho de Educação Médica. 2012. **Doc 237**

Enfim...

E aí está, pois, o memorial! A sensação ao chegar ao fim do relato – como atestam todos os que passam por esta experiência, sem exceção – é de um grande barato; a curtição sublime de constatar a profusão de feitos e fatos – não poucos significativos –, sem que a gente tivesse se dado conta. Mas com certeza foi mesmo a prodigalidade de atuações e aquisições que borrou a percepção da passagem das tais seis décadas rumo à doutoralidade.

Junto com o sentimento do dever cumprido, fica muito evidente a noção de que é tudo uma construção que depende da parceria, da troca e da amizade de muitos. Já homenageei vários desses companheiros de trajetória ao longo do memorial, de modo que não devo citar mais ninguém, sob risco de ser ainda mais injusto por algum fatal esquecimento. Assim, a todos os que sabem que trabalharam comigo nessas muitas conquistas vai o meu reconhecimento sincero.

Todavia, não posso deixar de marcar a prestação de um tributo especial à UFRGS; esta nobilíssima instituição que não só me proporcionou quinze anos da melhor educação possível, sem cobrar um único tostão, como, a seguir, toda uma vida de satisfação profissional. De fato, poucas coisas devem gratificar mais do que auxiliar na formação de jovens e depois acompanhar seu progresso independente. Esta nossa universidade promove essa mágica, por meio de um sem-número de oportunidades, que basta saber aproveitá-las.

Lá no começo deste memorial, eu deixei no ar a pergunta: “Sou ou não sou professor titular?”

Pois o edital do processo de promoção sugeria que a comissão avaliadora responderia sim àqueles que demonstrassem reconhecimento e liderança acadêmica, geração de conhecimentos, formação de recursos humanos e atividades de administração acadêmica, com dedicação a atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão e produção profissional. A documentação comprobatória que eu suei muito para juntar não me permite a falsa modéstia de questionar que todos esses requisitos, em graus variados, estejam lá. Só espero que a comissão avaliadora também pense assim...

Mas, acima de tudo, volto à epígrafe da abertura do memorial, com o pensamento de Ernest Boyer, que resume tudo ao sublinhar que um acadêmico não se define essencial e necessariamente pelo que produz, mas por erudição, integridade, persistência e criatividade. Estes, sim, atributos que eu sempre me esforcei em cultivar.